

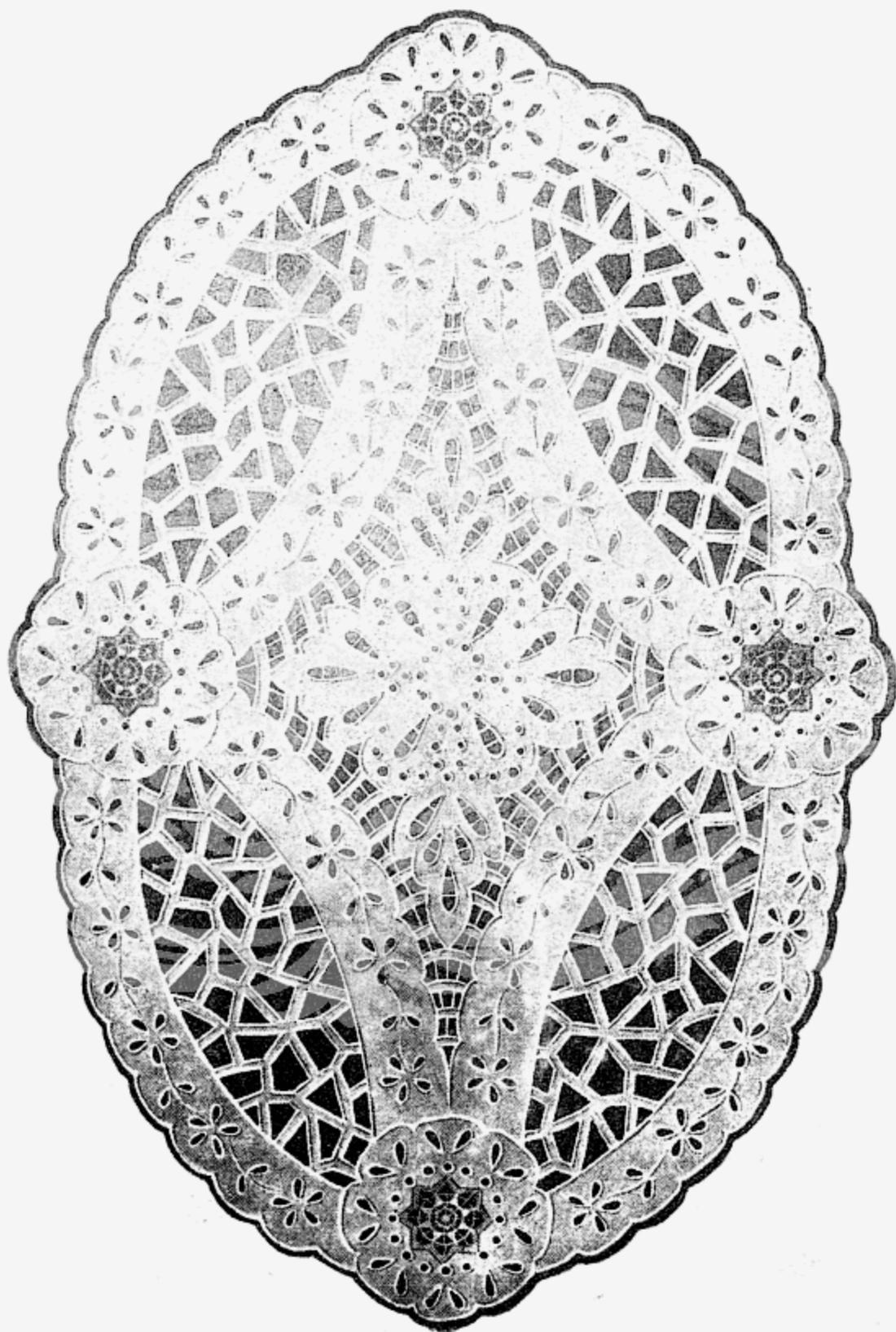
**FON**  
*fon*



*Made no Supl. anexo*

*Barbara Read*

## GRANDE TOALHA OVAL.



**ESTA** toalha, medindo 85 x 55, deve ser executada em linho branco ou creme. Toda a parte central e a grade são feitas em ponto cordonet. O resto do desenho, formando o fundo, é inteiramente bordado em ponto de feston. Conforme o modelo, deve ser incrustada em cada círculo com ponto cordonet, com aplicação de renda de Veneza.

No suplemento deste número damos o risco em tamanho de execução.

NÚMERO 8

ANO XXXVI

Dirigido por :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,  
21 de Fevereiro  
de 1942

# FON

## SERPENTINA

**A** ALMA do carnaval, flor enroscante e esguia da pândega, tu simbolizas, serpentina, a alegria e a inquietação de todas as horas em que se expande o riso postiço e nervoso da cidade que se estorce musicalmente, da cidade que festeja Momo no delírio e na glória de sua polícroma loucura.

Nos dias que precedem o tríduo da folia, e em que o carioca se prepara, radiosamente, para a sua grande festa popular, já surges, multicolorida e frágil, nos salões dos clubes, onde os bailes tumultuam de animação, ou nas ruas de bairro, onde as batalhas de confeti reservam na volúpia das criadinhas insatisfeitas...

Vejo-te pendente dos fios elétricos, desbotando-te ao sol e á chuva do verão, depois das noites alegres em que o folião se expandiu para esquecer a angústia e a melancolia da vida.

Representaste bem o teu papel na comédia carnavalesca. Serviste de ligação entre um sorriso que se entreabriu no turbilhão do corso e uma pobre máscara triste que fingia acompanhar o contentamento dos outros...

Dentro de casa, na policromia das festas, teceste estranhos painéis, que emaranharam braços e corações na mais bela prova de solidariedade recreativa. Formaste, no entusiasmo dos bailes, a cadeia que se enredou nos pés dos dançarinos e uniu, pitorescamente, democraticamente, as mesas dos casinos, as varandas dos clubes e as frisas dos teatros ás pistas em que deslisavam os pares que ballavam e em que desfilavam os cordões da folia...

Criaste simpatias que se desenvolveram ao calor de tuas asas de papel, ao contacto de teus abraços envolvendo as silhuetas resvalantes...

Ondulaste em toda parte, cariciosa e festiva na intenção dos carnavalescos que empunhavam, exaltados, os teus discos silenciosos...

Atirada de todos os lados, nos salões harmoniosos, estendias-te, voltante, na direcção da *ciganinha* que dansava, do *beduíno* que perseguia a *odalisca* esquiva, do *Arlequin* sedutor, da *Colombina* indiferente...

No corso, ias atingir a *camponesa* de um automovel rústico ou a deslumbrante *espanhola* de um cordão internacional...

Também o *Pai-João* ou o *Pierrot* das calçadas recebia o afago de teu corpo leve atirado por mãos invisíveis.

No reinado de Momo, serpentina, foste carícia e ironia com a tua alma adejante, voluptuosa e frágil... Alma que deixa no folião e no cenário do carnaval a marca impressiva de sua intenção maliciosa ou ingénua...

Foste os suspiros de muitos e os desesperos de alguns. Animaste a ventura fugaz dos que se sentiam verdadeiramente felizes no fervor da mascarada. Mas encheste, também, de desenganos os corações que acreditavam no sortilégio esvoaçante da tua influência de serpentina...

Nasceram ilusões na tela dos teus caminhos vertiginosos. Morreram esperanças nos anéis fugitivos que desoreveste na zoadá da pândega.

Brincaste, serpentina, com o corpo e a alma dos foliões...

E depois que tudo passou — sonho, esperança e desilusão carnavalesca — ficas refletindo a mão que te projetou, com ternura ou malícia, no turbilhão da folia. Ficas refletindo o amor ou o desejo, a irreverência ou o aprêço nas varandas ou nas árvores, em cujos troncos e em cujos ramos te enroscas como uma sugestiva floreação de carnaval.

És, assim, uma saudade que prolonga as conquistas e as emoções, a veemência e o delírio dos convivas de Momo...

MARTINS CAPISTRANO

# INICIAÇÃO MATERNAL

**E**NQUANTO espera o bebê, a futura mãe deve ter muito cuidado com sua pessoa, sobretudo no que se refere a seus trabalhos e diversões. Estas duas atividades podem desenvolver-se normalmente até a sexta semana antes da data prevista para o acontecimento. Dai por diante...



Devem evitar-se os trabalhos que obriguem a subir a algum móvel, pois nesse estado há propensão para a vertigem.



Carregar embrulhos pesados é sumamente perigoso. Além da fadiga que isso causa, expõe a surpresas prematuras.



Convém evitar tudo aquilo que obriga a permanecer de pé longo espaço de tempo.



Outra ocupação perigosa, e que pode originar acidentes, é a costura a máquina e qualquer outra que cense as pernas.



Também são prejudiciais as tarefas muito fatigantes, especialmente as que exigem posições forçadas do corpo.



As marchas moderadas são benéficas. Entretanto, prejudicam os passeios em veículos que trepidam muito, como ônibus, etc.



Se a futura mãe gosta da bicicleta, guarde-a durante esse período. Qualquer esporte é desaconselhável: tênis, golf, etc.



Enquanto espera seu bebê, evite as distrações do tar preparatório do vagarinho, a qualquer hora do dia.



Evite, porém, com **LEITE DE COLONIA** as manchas e sardas causadas pelo rigor do Sol

Si a Sra. aprecia os sports e passeios ao ar livre, saiba gozar-os alegremente, sem temer as injurias do Sol! Resguarde sua pelle alva e delicada de sardas, manchas e queimaduras provocadas pela intensidade dos raios solares! Adopte um tratamento efficaz para proteger sua cutis e corrigir as suas imperfeições. Use diariamente Leite de

Colonia. Quando sahir ao campo, faça uma leve massagem com Leite de Colonia sobre o rosto, collo e braços, repetindo-a sempre que voltar para casa. Leite de Colonia neutralisa a inclemencia do Sol e remove manchas, sardas, espinhas, cravos e outras erupções da cutis. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle. Use-o sempre!

## *Leite de Colonia*

---

**STAFIX** fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

---



Mate os mosquitos com **FLIT**

## Revelação

De OSCAR A. RANGEL

FOI numa ilha quasi deserta, toda de aspecto primitivo, cheia de coisas interessantes, que Amaro Mariz, o homem-feio, baixo, magro, pálido e neurastênico, sentiu o mais forte desejo de compreender o mundo, o homem e sua origem.

Foi nessa ilha toda dominada de silêncio, onde tudo era mais intenso e mais forte, onde tudo era um verdadeiro poema de cores vivas, que, pela primeira vez na vida, o homem feio, esquisito e triste, sentiu um estranho desejo de compreender as coisas através de sua realidade. E, mergulhado num silêncio tenebroso, possuído de uma tristeza recalcada, escreveu isto em seu caderno de notas:

"Aqui, neste recanto abandonado do mundo, longe do ruído da civilização, a natureza é francamente deslumbrante, ativa e toda espiçosa. Ilha semi-deserta, circundada pelo mar e pelo matagal, jardim maravilhoso no oceano, enlevo do poeta, fostes ontem o berço de uma gente forte. Em vosso seio, entre os vossos coqueirais, entre as palmeiras que farfalham ao sopro leve do vento, no meio dos cipós, debaixo de um céu azul, azul como as turquezas, sempre levado, chelinho de estrelas, e sob o clarão da lua — hostia divina do céu, — nasceu, diz a lenda, a mais linda de vossas filhas, e entre todas a mais feliz. Aqui, no meio de vossas florestas, em plena natureza sua, onde tudo é uma harmoniosa orquestração de sentimentos, poesia, luz e alma, nasceu a mais linda e a mais sofredora criatura deste recanto, que sentiu o sorriso mágico do amor e levou para o seio da terra esse amor todo feito de carícia, sonho que durou apenas o espaço de uma manhã.

"Ilha silenciosa, onde tudo representa um poema de graça e beleza, onde o céu é sempre azul, a natureza de um verde carregado, o sol de prata e o mar um abismo insondável, misterioso, cujas ondas sempre beijam a areia branca da praia, num delírio supremo de amor e prazer, em vosso seio, no calor do vosso chão, repousa a filha deste recanto, a criatura que, muitas vezes, no cair lento da tarde, quando os sinos tangiam tristes, era despertada por vozes vindas das bandas poentes da vida.

"O mar com suas águas verdes, com suas águas azues, de todas as cores; o verdejante matagal, com

(Conclue na pág. 64)

### "MOLDES DE FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º ..... publicado no FON-FON de ..... de acôrdo com as seguintes medidas:

Comprimento: do decôte ..... da cintura ..... dos quadris ..... da barra .....  
Circunferencias: do busto ..... da cintura ..... dos quadris .....  
Medidas do ombro ..... da manga ..... do punho ..... das costas .....

Junto a importancia de ..... (em selos de 200 réis do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME .....  
RUA ..... N.º .....  
CIDADE ..... ESTADO .....

Pelo correio: 3\$000; entregue em nossa Redação: 2\$500.

Toda correspondencia deverá ser dirigida para o seguinte endereço:  
RUA DA ASSEMBLÉIA, 62 - 1.º ANDAR - RIO DE JANEIRO - CAPITAL

**GRUPOS ESTOFADOS-CORTINAS**  
TAPETES - MOVEIS - DECORAÇÕES

**ASA** MARCA **UNES** REGISTRADA

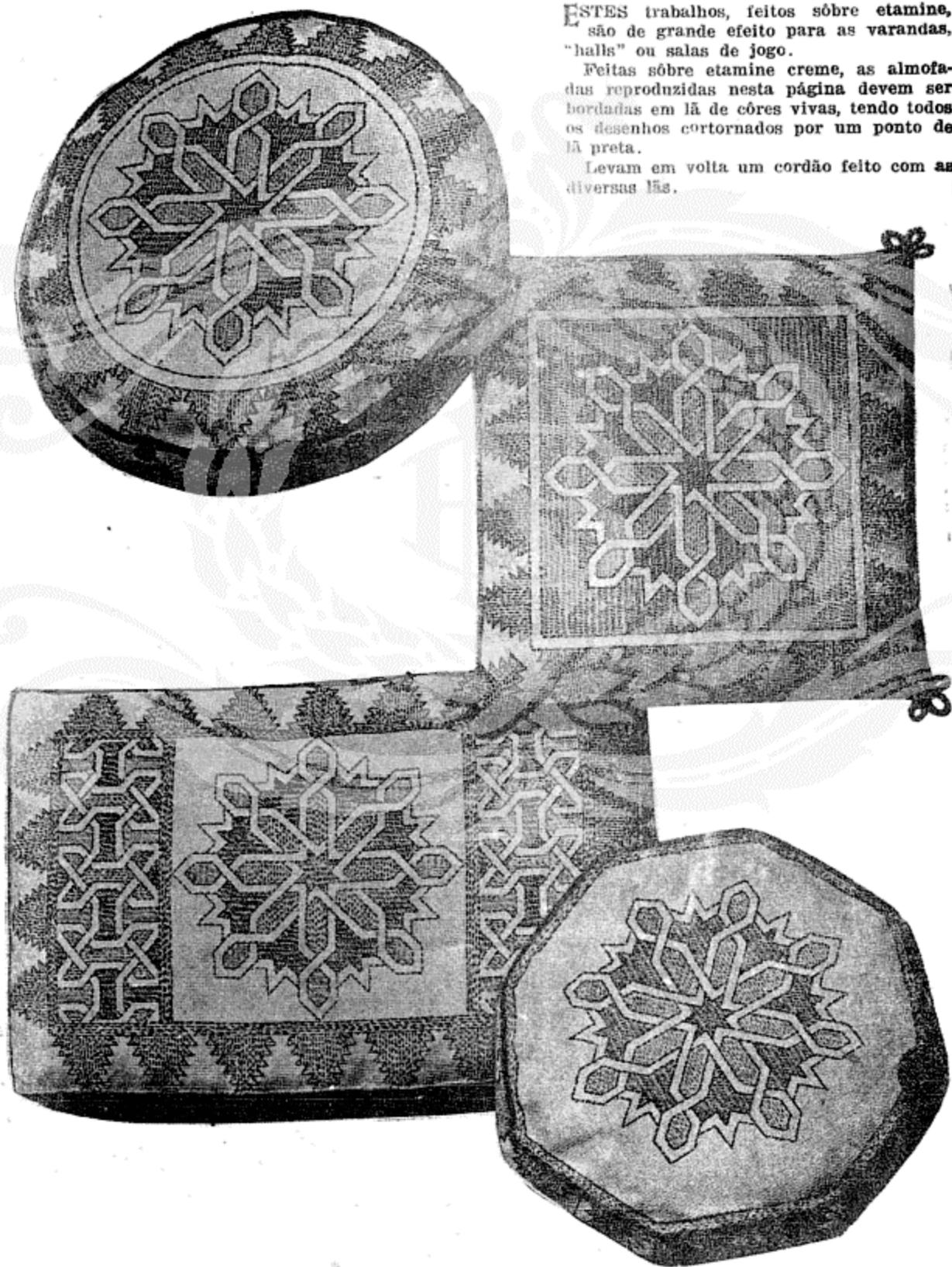
AGORA SOMENTE - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO DE JANEIRO

# Quatro modelos de almofadas bordadas em etamine

ESTES trabalhos, feitos sôbre etamine, são de grande efeito para as varandas, "halls" ou salas de jogo.

Feitas sôbre etamine creme, as almofadas reproduzidas nesta página devem ser bordadas em lã de cores vivas, tendo todos os desenhos cortornados por um ponto de lã preta.

Levam em volta um cordão feito com as diversas lãs.



# SAIBAM TODOS

## OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

RITO DA EXALTAÇÃO ESTÉTICA

DE

OTONIEL BELEZA

*Teu vó de silfo, na amplidão desfere-o.  
Musa excelsa, de olímpicos cantores!  
Na embriaguez da ilusão e do mistério,  
Ronda os altos elísios que ideares...*

*Ergue aos Céus o turbulo e o saltério.  
O' Deusa! E, entre visões crepusculares,  
Embebe o olhar no manancial sidério.  
A alma nutre do incenso dos altares...*

*Donaireira e refulge, alem galvando  
Deste terreno pântano nefando,  
Assim bela, assim grande, assim feliz*

*De ao imundo lodaçal jamais descoeres,  
Balsamizando multidões de seres,  
Dos etéreos rosais onde sorris!*

MARILIA DE DIRCEU (Minas) — Eis a carta que a senhora me dirige:

"Belo Horizonte, 4 de Novembro de 1941. Caro sr. Yves. Junto envio algumas poesias, para as quais espero complacencia no julgamento.

São frutos de estudo da metrificação e rima, mas, muito mais da alma.

Escrevo mais para uma satisfação espiritual, que outra coisa. A alma precisa ás vezes de valvulas escapatorias e nem sempre, pode-se expandir conforme seus desejos. O mundo nem sempre nos dá aquilo que queremos, mas cumpre aproveitar o pouco que nos dá.

E, confiante, no seu julgamento, ficarei eternamente agradecida e mais ainda, extremamente contente, se vir um dos meus poemas figurando em sua página.

Com o agradecimento, subscreve-se uma das multiplas admiradoras de sua inteligencia. — *Marilia de Dirceu.*"

O meu julgamento só é favoravel ao seu poemeto "Camões". Isso, em parte, por que acusa defeitos de forma e um deplorável plebeismo de linguagem.

Aliás, devo frisar que há um verso manco na sua composição. E' o seguinte:

*E do velho, na mão modesta...*

Oito sílabas métricas? Por que?

### "SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ela se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. E' um guia do leitor, especie de "vademecum", destinado a consultas rapidas e uteis.

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 — Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondencia referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redação, acompanhada do coupon da pagina ao lado.

ELZA (Capital) — Lemos a sua carta:

"Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1941. Sr. Yves.

Meus cumprimentos, com votos de inumeras e perenes felicidades. Aqui estou, como tanta gente, importunando-o para dar-me uma opinião sobre duas de minhas poesias, que envio-lhe anexo a esta. Gosto imensamente de escrever contos, criticas e poesias, e por isso que aqui estou. Trata-se do seguinte: Litora assidua e grande admiradora de sua pagina "Saibam Todos", tomo a liberdade de pedir que v. ex. envie-me sua opinião sobre o que escrevo e tambem as censuras severas e justamente. Peço-lhe somente uma opinião. Não lhe peço publicação alguma. Podes fazer-me este grande favor? Com agradecimentos antecipados, fico á espera de uma resposta.

"P/S: — "Ao meu coração" é a minha primeira poesia que escrevo. Caso ela esteja de acordo com o seu apurado gosto, o melhor elogio e responder-me, do contrario, já sabe... páu neia...

Muita consideração da sua admiradora — *Elza.*"

Resposta:

1.º — A senhora esqueceu copiar o nome do autor do "seu" soneto "Ao meu coração"...

2.º — O seu poemeto "A' você" (a preposição a não tem crase, ó poetisa!) é um desastre poetico. Convem aprender português, antes de fazer versos, D. Elza...

E olhe que, se o seu Alvaro é moço letrado. — a estas horas deve estar decepcionado...

ATLAS (Capital) — Vejamos a consulta que a sua carta me traz: "Sr. Yves. — A minha intenção era procurá-lo pessoalmente para lhe pedir orientação literária. Mas sei que o sr. aconselha a tomar professores e, se eu pudesse, tomaria ao sr. para meu mestre. Infelizmente, não tenho posses para isso, e peço que me desculpe importuná-lo com as minhas perguntas.

A de hoje é a seguinte: qual foi o escritor francês, do XVIII que não podendo ser coroado em vida, teve o seu busto coroado num teatro de Paris?

Tenho idéia desse fato, mas não sabendo onde encontrá-lo, recorro á sua illustração, pedindo-lhe uma informação a respeito.

Admirador que sou do seu espirito, confesso-lhe grato, desde já".

Muito bem, caro senhor...

O que me ocorre sobre o assunto é o caso de Voltaire (1694-1778) que, tendo-se afastado da França, jurou que não morreria sem rever Paris. Realmente, voltando á capital da França, Voltaire, depois de uma série de visitas e de haver recebido varias ho-

### COUPON

Date da consulta.....

Nome do consulente.....

21-2-1942

menagens, foi assistir á 6.<sup>a</sup> representação da sua peça "Irênc". Nessa ocasião, um ator subiu ao seu camarote e colocou sôbre a cabeça do filosofo uma corôa de louros. Pouco depois, durante um entreato da representação, o seu busto foi levado para o palco e, af. em cena aberta, foi êle coroado pelos artistas, sob delirantes aclamações do público.

E' tudo quanto posso informar, a proposito de poetas coroados.

**LIRANDA ILÍA (Ceará)** — Outra poetisa que surge...

Vejamos a sua carta bilhete:

"Fortaleza, 27 de Setembro de 1941.

Prezado sr. Yves. Saudações. Volto á sua redação. sr. Yves. Não julgue que não fiquei satisfeita com a sua resposta, quando, pela primeira vez, me dirigi ao sr. Se me ausentei por tanto tempo, foi devido aos inúmeros afazeres pois, como o sr. teve ocasião de dizê-lo, sou uma funcionária do comércio, muito ocupada e não disponho de bastante tempo para realizar meus planos. Mas... ambiciono a fama e a glória. Será que esta minha ambição é prejudicial?...

Envio-lhe, hoje, um trabalho bem diverso do que lhe mandei primeiramente. E' o soneto: *Cascata*."

"Cascata?" O título deu azar ao seu soneto... E' que ele se foi por água-abaixo, levado pela força da torrente...

**LAURA (?)** — V. ex. fez mal em não dizer o Estado de onde me escreve. Onde é Baixa Grande? Não sou obrigado a ter a corografia do Brasil na cabeça — mas na minha estante...

**HISTÓRIAS QUE A VIDA ENCERRA**

Esmeraldino Reis, o narrador perfeito, famoso no Brasil inteiro como o «Reporter-Aventuroso» conta para o radio-ouvinte, todas ás terças — quintas e sábados histórias que nunca mais serão esquecidas.

Ouça HISTÓRIAS QUE A VIDA ENCERRA, e não deixará de ouvir, constantemente, as suas narrações que já empolgaram milhares de rádio-ouvintes.

TODAS AS TERÇAS, QUINTAS e SÁBADOS ás 11 horas

RADIO IPANEMA

**MARIA (Bafa)** — Escreve-me este bilhete:

"Prezado Yves: Desejo-lhe muitas felicidades. Seguem junto a esta carta, um soneto e uns versos, afim de que me faça o obsequio de publicar em uma das páginas do FON-FON, caso encontre algum merito nêles.

Sinceramente grata e esperançosa envia-lhe saudades a — Maria."

Resposta:

1.<sup>o</sup> — Os seus versos não se salvam... Não há remédio para êles.

2.<sup>o</sup> — Diz no fim do seu recado: ... "envia-lhe saudades a — Maria." Nisso é que não creio. Saudades? Por que? Por que há de ter saudades de mim — se nunca me viu nem por um óculo?

Chamemos um gato, um gato, D. Maria... Nada de mentirinhas côr de rosa...

Couto de Magalhães Neto (S. Paulo) — Caro colega, agradeço-lhe, penhorado, a honra que me deu, em criticar o meu livro "O Suave enlevo", na "Gazeta", de S. Paulo. Agradeço-lhe, igualmente, o exemplar do jornal que teve a delicadeza de me remeter. Como isso é raro!

**STENIO (Capital)** — Infelizmente o ritmo do serviço, aqui, na redação, não me permitiu agradecer-lhe, senão agora, o seu amavel cartão de boas-festas. Desejo-lhe iguais venturas no ano que vai correndo.

**DIBI CURI (Minas)** — *Malba Tahan* é o pseudônimo do professor, engenheiro e escritor Julio Cesar de Melo e Souza.

YVES

**GYSA**

**E' PROVIDENCIAL!**

**Senhoras**  
A vossa Saúde e Juventude estarão sempre assegurada com o uso de um excelente medicamento.  
**GYSA,**  
vos salvaguardará sempre.  
**GYSA**  
é providencial.

# FON FON

*Feminino*

Desenhos de  
J. LUIZ

## DIREÇÃO DE HÉLÈNE

Duas interessantes "toilettes"  
para a praia:

A primeira, — pequena calça de  
"faïlle" vermelho-vivo com o cós  
acima da cintura e cinto de couro  
de dois tons;

A segunda, — "short" de jus-  
tão de algodão azul-forte com bo-  
tões triangulares e bonitas anco-  
ras bordadas a vermelho.





Blusinha de gaze azul-pálido com pastilhas brancas.



Blusa de "voile" de seda branco, com fina renda verdadeira.

Blusinha de crepe romano rosa pálido e fina renda valenciana, creme.

Blusinha de "shantung" estampado com pequena gravata da mesma fazenda.



Blusa, tipo "chemisier" de tecido americano listado de vermelho e branco ou verde e branco. Gravata masculina.



Blusa de gaze, azul-marinha, com listas de setim no mesmo tom; aplicadas com ponto Paris.



*Acompanhando a camisa de noite de crepe romano negro com finissimas rendas, elegantissimo "salt de lit" de rendas negras.*

*Encantador robe de "faïlle" branco, com bolsos borçulados a fio de cor brilhante. A frente transpassada, fecha com pequenos botões cobertos do mesmo "faïlle".*





confeções  
para  
crianças

R. OUVIDOR, 146  
TEL. 42-7300

Algumas sugestões para as roupinhas de verão dos garotos praieiros.





Três modernos e originais trajes  
para a beira-mar, para o campo  
ou para as temporadas elegantes  
nas "estações de água".

FON - FON  
21 - 2 - 1942

- 14 -

OS HOMENS PREFEREM

*olhos lindos  
e limpidos!*



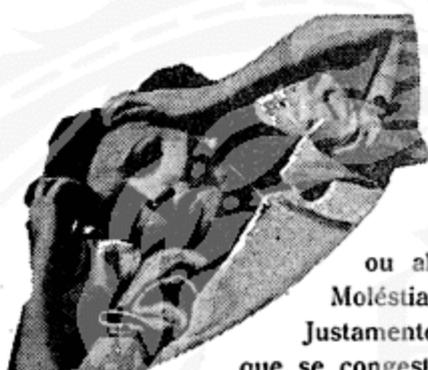
Não permita que seus  
olhos pareçam cansados  
ou congestionados. Faça  
uso diário de Lavalho,  
que lhe conserva a beleza  
do olhar.

**LAVOLHO**  
CLAREIA OS OLHOS



# Mocinhas e Mulheres

*As congestões e inflamações de certos órgãos internos*



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas subitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**



## O MODELO DA SEMANA

O figurino escolhido, hoje, por FON-FON, para "modelo da semana", deve, sem dúvida, ir ao encontro dos desejos de inúmeras leitoras, que almejam executar sua roupa de banho, mas esbarram, sempre, com a dificuldade de encontrar um molde elegante e gracioso, que lhes garanta uma execução primorosa.

No suplemento anexo ao presente número, publicamos o molde, com todos os detalhes indispensáveis, desta mimosa roupinha de banho.

(Foto RKO - Radio).



Perspectiva dos novos estúdios e auditórios, localizados à rua da Baía n.º 1053 — Fones 2-5773 e 2-5198 — Belo Horizonte.

### LIÇÃO SUBLIME

*Eu não creio que exista uma lição mais bela  
Do que a que deu Jesus escrevendo na areia  
Quando o povo pediu a punição daquela  
Que incorrera em pecado, em falta grave e péssima.*

*Quem se julgar sem mancha e sem qualquer mácula  
Jogue a primeira pedra ou lhe laqueie a veste.  
Mas ninguém se atreveu a aproximar-se dela  
Nem se cuidou capaz de punir culpa alheia.*

*"Ninguém te condenou, mulher?" Nem eu tão pouco.  
"Vae e não peques mais". Apenas quero, em teu favor,  
Que esqueças para sempre as faltas do passado.*

*E, sem olhos tirar da areia em que escrevia,  
Jesus, em doce voz, sorrindo, repetia:  
Perdão o pecador mas condeno o pecado.*

JOSÉ MARIA COELHO



## SOBRE O AMOR

AMAR é querer para  
alguém o bem que  
se deseja para si mes-  
mo.

Aristóteles.

\*\*\*

O amor é invisível:  
entra e sai, quando  
quer, sem que ninguém  
lhe diga conta de seus  
atos.

Cervantes.

\*\*\*

É mais fácil amar-  
mos a quem nos abor-  
rece, do que gostarmos  
de quem gosta mais de  
nós, do que desejamos.

La Rochefoucauld.

\*\*\*

O amor que nas-  
ce repentinamente, é o  
mais difícil de ser  
curado.

La Bruyère.

\*\*\*

O verdadeiro amor, é  
o amor abstrato do  
bello, do bom, o amor  
que conduz direito a  
Deus, que renuncia á  
criatura, que não se  
fixa em coisa alguma  
do mundo; o resto é  
sonho, a ilusão, é volu-  
ptuosidade de um ins-  
tante.

Tarchetti.



Dois gêmeos  
**INSEPARÁVEIS**

NOS BRINQUEDOS,  
NAS MANHAS E NO  
USO DO  
**TALCO LADY**

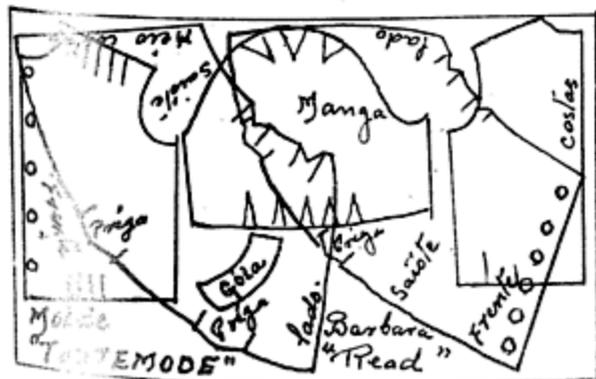
As crianças gostam e os adultos  
preferem, após o banho, o Talco  
Lady, como complemento neces-  
sário á higiene da pele, nos dias  
quentes para refrescar e perfumar  
o corpo.



T. TAQUINO

**TALCO**  
*Lady*  
REFRESCANTE \* BÓRICO \* PERFUMADO

A VENDA EM TODO O BRASIL



## NOSSA CAPA

O modelo que Barbara Read nos oferece, hoje, agra-  
dará, certamente, nossas leitoras, que estão pro-  
curando sugestões para o verão. Blusa ampla, com  
pregas presas nos ombros e cintura, da mesma forma  
que as mangas; saíote também com pregas nos lados  
e abotoado na frente. Deve ser confeccionado em linho  
ou cambraia estampada. Molde no suplemento anexo.

FON - FON

21 - 2 - 1942

— 17 —



Senhorita Belaniza  
de Oliveira.



**A**SPECTO da recepção oferecida à Sociedade de Belo Horizonte pela sra. Octacilio Negrão de Lima, que se vê na foto cercada pelo coro Regina Coeli, composto de senhorinhas da alta sociedade mineira.

Paulo Roberto, filho do  
casal sr. Bernardino  
Falci-dona Margarida  
Falci

# Sociedade de Belo Horizonte

(Fotos Olivéra — Belo Horizonte).



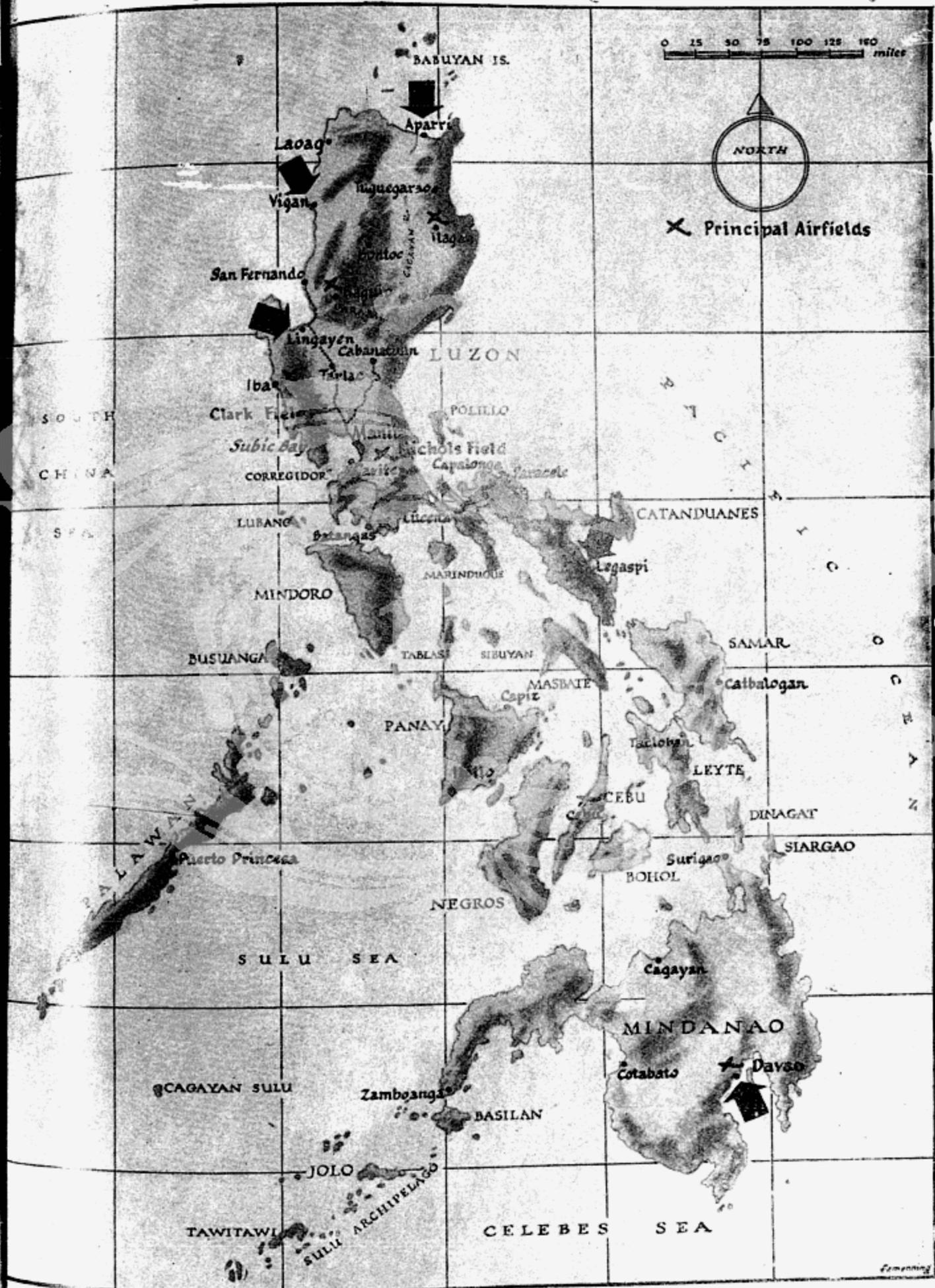
Lili e Samuel, filhos do casal Augusto  
Siqueira-d. Maria Balbi da Silveira.



Marilene, filha do casal dr.  
Silvio Bezerra de Mello.

Em baixo: Mariza, filha do  
casal sr. Isidro Paiva-d. Ide-  
lina Paiva.





AS ILHAS FILIPINAS — vendo-se, marcados, por um aeroplano, os principais campos de pouso e, pelas setas, os locais de desembarque dos japonezes

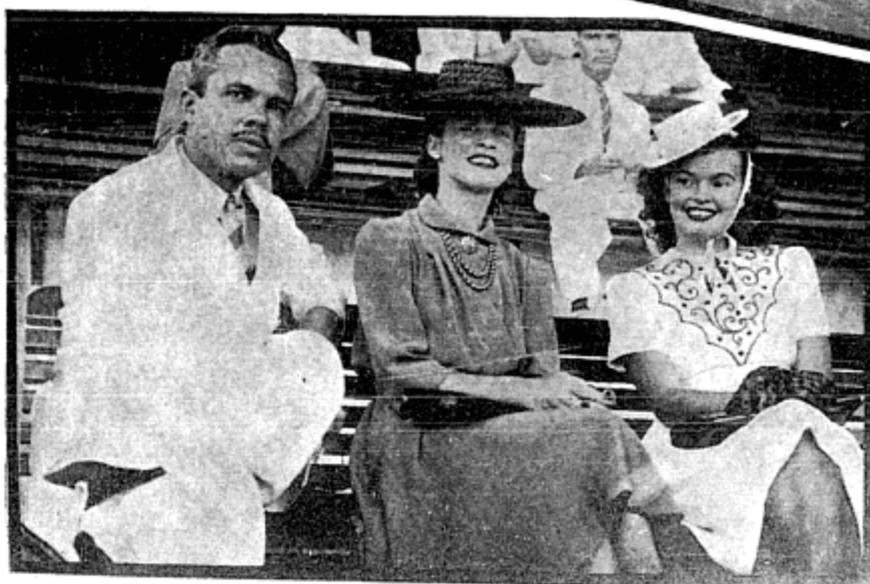


**FAZER**, de um belo «peignoir», um lindo vestido de jantar, é coisa que, à primeira vista, parece difícil, mas, na realidade, é bem fácil, como o provou a figurinista Renie, da RKO Radio.



Tratava-se de criar uma nova toletta para Anne Shirley usar no filme — «Four Jacks and a Jill». E Renie, mais por originalidade do que por economia (como é fácil de se imaginar), resolveu empreender a tarefa que, aliás, executou às mil maravilhas. Graças à sequência que estamos vendo nesta página, as leitoras poderão acompanhar, facilmente, a metamorfose que passou o rico «peignoir» de Anne Shirley, o qual, digamos de passagem, era finíssimo tecido de seda cor de urso.

# 6 JOCKEY CLUB Brasileiro



O Jockey Club Brasileiro, possui o mais lindo prado da América do Sul e que tem recebido, por isso mesmo, os mais calorosos elogios de quantos estrangeiros ilustres nos visitam. Indiscutivelmente, o ponto de união da elite carioca, cujos momentos de destaque movimentam-se elegantemente, nas belas tardes esportivas de domingo, suas quibancadas, suas tribunas e seus salões, onde foram tomados os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.

FON - FON

21 - 3 - 1942

- 22 -



no Botafogo F.C.



O empolgante baile de sábado de carnaval, realizado nos salões do Botafogo F. C., reuniu, na sede daquele Clube de elite, os elementos mais representativos da nossa «juventude dorada». As fotografias que ilustram esta página dão-nos uma ideia da animação e do entusiasmo com que o Botafogo iniciou os festejos do tríduo de Momo.

FON - FON  
21 - 2 - 1942



*Carnaval na Ilha*







*Baile de Gala*





MUNICIPAL



O TRADICIONAL BAILE DE GALA DO THEATRO MUNICIPAL, REALIZADO SOB O ALTO PATROCÍNIO DA SRA. DARCY VARGAS, EM BENEFÍCIO DA "CIDADE DAS MENINAS", CONSTITUIU UM ACONTECIMENTO SEM PRECEDENTES NOS "ASTOS DO CARNAVAL CARIOCA. O PRESTÍGIO E A GERAL SIMPATIA DE QUE DESFRUTA A PRIMEIRA DAMA DO PAÍS E O ESPÍRITO DA GENEROSA FINALIDADE QUE PRESIDIU A ORGANIZAÇÃO DESTA GRANDIOSA FESTA CARNAVALESCA, CONTRIBUÍRAM, MAGNIFICAMENTE, PARA O ESPLENDOR E O ÊXITO DESSE MEMORÁVEL ESPETÁCULO DE EXPRESSIVA E EMPOLGANTE ELEGÂNCIA NUNDANA.





NO FURNITURE  
F. C.





(Fotos  
Columbia  
Pictures).



FON - FON  
21 - 2 - 1942

De todos os acessórios da indumentária feminina, o chapéu é o mais importante. Um chapéu mal escolhido estraga uma toilette. Uma cabeça bonita perde todo o seu encanto quando o chapéu, que deveria complementar o conjunto, é de mau-gosto.

Por outro lado, certas fisionomias, mesmo bonitas, não se adaptam absolutamente a determinados tipos de chapéus, embora sejam eles riquíssimos, elegantes e de indelével originalidade.

As mulheres, em geral, conhecem bem todos esses pequenos detalhes. Por isto mesmo, quando precisam escolher um chapéu encontram sérias dificuldades e tropeçam em inúmeros obstáculos, antes de chegar a uma solução final.

Os modelos estampados nestas páginas e apreciados por Veda Ann Borg e Kay Hanra, duas fulgurantes «estrelas» da Columbia Pictures, estão a salvo de qualquer comentário desfavorável, em matéria de acabamento, elegância e originalidade, pois foram idealizados e executados por grandes artistas especializados no gênero.



FON - FON

21 - 2 - 1942

— 47 —

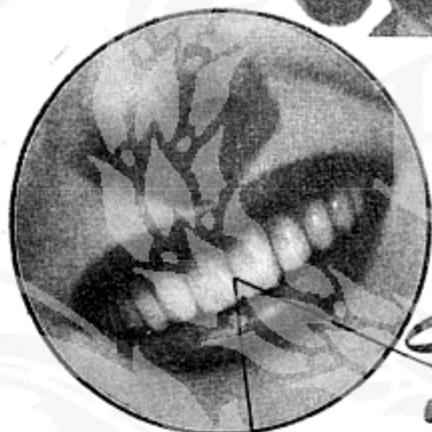
*Chapeús*



**"SHORTS" & "MAILLOTS"**



A escolha de uma roupa de praia, para o banho ou para o «footings», embora não pareça, constitui sempre um problema difícil, que a mulher tem de solucionar. Assim, nunca será demais oferecer, às nossas leitoras elegantes, sugestões para «shorts» e «maillots», últimas criações de Hollywood, realçadas pela graça, pela mocidade e pela beleza de artistas como Adele Mara, Evelyn Laye e Sinx Fackenburg, «estrelas» da Columbia Pictures, as quais, com seus corpos esculturais e suas poses cinematográficas, emprestam a estas páginas uma nota de vitalidade, alegria e otimismo sadio.



Conserve a sua  
BELEZA,  
protegendo o

*Ponto Vital*★

de seus dentes!



TUBO  
35000  
no Rio e  
S. Paulo

★ Com sua espuma de ação ultra-penetrante, contendo Leite de Magnésia, o novo Creme Dental Gessy não só embeleza os dentes, mas defende o Ponto Vital, onde surgem 80% das cáries. Combate a fermentação dos resíduos alimentares, que atacam o esmalte, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez e evita o tártaro (pedra). O novo Creme Dental Gessy é, além disso, econômico: basta uma pequena porção sobre a escova.

Duça Nhô Tetico, de 2.ª a 6.ª feira, nas Rádios Mayrink (Rio), às 18,30 horas, e Cultura (São Paulo), às 18,30 e 22,15.

Experimente  
o Novo Creme Dental **GESSY**



**HAMILTON ELIA** é bacharel em direito. Bacharel e poeta. Tem cultura jurídica e inspiração. «Vozes do Silêncio» e «Sinfonias Melódicas» definem uma sensibilidade de verdadeiro artista. Recentemente, Hamilton Elia, de parceria com seu irmão Sílvio Elia, jovem e brilhante professor de escola técnico-profissional da Prefeitura do Distrito Federal, publicou uma interessante e valiosa obra didática — «Com textos errados e corrigidos», que acaba de sair em segunda edição, revista e aumentada, o que prova a sua aceitação nos círculos do registério nacional.



O grande poeta Murilo Araújo, em «Carrilhões», «A Corrida do Ouro» ou em «A Iluminação» é sempre o mesmo artista — sensibilidade, oferecendo «A escadaria acesa», volume que a Civilização Brasileira lança com sucesso. Essas obras de Murilo Araújo, com o mesmo lirismo de toda a poesia do grande harmonioso cantor de «Apreços do Céu», serão devidamente apreciados pelos seus admiradores. Registramos, apenas, o lançamento do livro, que constitui uma obra de vida, motivo para nossa homenagem à alta inteligência e à sensibilidade do sensagrado poeta.

# P R O M

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

## RADIO-ATUALIDADES

Uma grande notícia temos, hoje, para os radiouros de São Paulo, muito especialmente para aqueles que acompanham com vivo interesse as transmissões de peças policiais: — A Radio Record, PRB-9, uma das mais populares e queridas emissoras brasileiras propõe-se transmitir toda a vitoriosa série do "Radio Sherlock" da PRA-9, criado e dirigido por

Alziro Zarur. O prestigioso "broadcaster" Theophilo de Almeida Sá esteve aqui no Rio, e se entendeu com o Sherlock do nosso "broadcasting". Depois do carnaval (escrevemos estas linhas no dia 12...) a Record iniciará a transmissão da "Série Sherlock Holmes". Como se vê, estão de parabéns os ouvintes de São Paulo.

Por EDGARD FREITAS

1 — Nenhum lucro material o Clube de Cronistas Radiofônicos auferiu com a realização do grande Balle do Radio. Nem cogitou desse objetivo, digamos de passagem. Sua finalidade primordial era conseguir — como indiscutivelmente conseguiu — confraternizar a imensa família radiofônica, num ambiente de profunda alegria. A Orquestra de Alden Vieira, em boa hora contratada para animar o baile do Radio, foi um sucesso legítimo.

2 — Da simpática publicação radiofônica paulista "Programa das Irradiações" transcrevemos, *data venia*, o seguinte registro: "A revista carioca FON-FON, cuja direção de Radio obedece à inteligente orientação de Alziro Zarur, confiou a Blota Junior a sua correspondência de São Paulo. É uma demonstração do apreço que a direção de FON-FON e, particularmente, Alziro Zarur vão dispensar às coisas do Radio paulista e a criação do "Prêmio Frederico Steidel", a qual — a exemplo do "Prêmio Raquette Pinto" da Cidade Maravilhosa — será conferido àquelas que mais fizeram pelo progresso do Radio em nossa terra. "Programa das Irradiações" aproveite este registro para congratular-se com a direção de FON-FON, com esse brilhante colega que é Zarur, e muito especialmente com Blota Junior, nosso amigo e companheiro."

3 — "Hora Azul" é o novo programa que a Radio Vera Cruz apresenta aos seus sintonizadores matutinos. "Hora Azul", cartaz dirigido por Edgard de Almeida e Joe Lunath, foi inaugurado na quinta-feira 12 do corrente com uma transmissão festiva, muito agradável. Auguramos excelente futuro para "Hora Azul".

4 — Temos ouvido com satisfação os programas apresentados pela admirável pianista Maria Amélia na Radio Jornal do Brasil, às quartas-feiras, das 19 e 30 em diante. Trata-se de audições organizadas com apurado senso artístico, recomendáveis aos radiouvintes de bom gosto.

5 — A direção da nossa PRA acata sempre as sugestões formuladas em linguagem decente. Não são poucas as vezes em que, ouvindo a palavra honesta de diversos confrades, temos reconsiderado gestos e atitudes, partindo sempre do ponto de vista da falibilidade humana... Isto vem a propósito de um comentário do confrade Sérgio Peixoto, no vespertino "Melodia" de 3 de janeiro deste ano sobre o Campeonato Radiatral que pretendíamos iniciar. O distinto consocio do Clube de Cronistas Radiofônicos, analisando com muito critério o assunto, desenvolveu argumentos ponderáveis e revelou inconvenientes sérios, para a execução do mencionado certamen. Seu comentário mereceu nossa

atenção. Aprovámo-lo. Não realizaremos, por isso mesmo, o Campeonato Radiatral deste ano. E, para encerrar definitivamente o assunto, com um gesto de inteira justiça, reconhecemos como Radiatro campeão de 1941 o do "Programa Casé", que apresentou com tanto agrado a "Série Defensores da Lei", do radiatrólogo Berliet Junior, um dos melhores que possuímos, graças ao seu talento autônomo, que nunca precisou das muletas dos títulos pomposos.

6 — Oduvaldo Cozzi, o excelente locutor-esportivo da PRA-9, depois de um ciclo vitorioso de transmissões diretas de Montevéidú, onde se realizaram as peijas do Campeonato Sul-Americano de Futebol, está novamente entre nós. A recepção que lhe prepararam seus fans, amigos e colegas foi uma verdadeira apoteose.

7 — "A palavra das Américas ao microfone da Radio Cruzeiro do Sul", série de irradiações especiais, a cargo de Ivo Peçanha e Mario Brazini, constituiu mais uma vitória para a popular PRD-2.

8 — Quando Zézé Fonseca anima o "Programa Pícolino" da Nacional, como "speaker", esse veterano cartaz que Barbosa Junior criou, com tanto sucesso, ganha um colorido diferente... Zézé tem qualidades para fazer carreira como "speaker" e não deve desistir, em hipótese alguma.

9 — A atividade radiatral de Zani Filho na Radio Guanabara tem sido deveras proveitosa. A PRC-8 é a única emissora que apresenta peças no horário geralmente dedicado às transmissões esportivas, e não é outro o motivo que tem atraído milhares de fans para a querida estação dos Irmãos Manes. E, já que estamos falando nos Manes, um deles, o dr. Alberto Manes, aniversariou a 11 do corrente, recebendo calorosas e merecidas demonstrações de amizade e simpatia.

10 — FON-FON estampará, no seu próximo número, os resultados finais do seu Concurso dos Melhores do Radio em 1942. Por hoje, é só...



Sebastião Fonseca, o poeta-humorista n.º 1 do Radio carioca, retornará brevemente ao microfone. Não podemos descer a detalhes, mas consta que será ao microfone da PRA-9... Queira Deus!

# Concurso dos Melhores da Radio em 1942

## Classificações da penúltima apuração

### 1) Melhores estações

PRA-9, Radio Mayrink Veiga — PRE-8, Radio Nacional — PRG-3, Radio Tupi — PRA-3, Radio Clube — PRB-7, Radio Educadora — PRH-8, Radio Ipanema — PRD-2, Radio Cruzeiro do Sul — PRE-3, Radiotransmissora — PRC-8, Radio Guanabara — PRF-4, Radio Jornal do Brasil — PRE-2, Radio Vera Cruz — PRA-2, do Ministério da Educação — PRD-5, Radiodifusora da Prefeitura.

### 2) Melhores "speakers"

Cesar Ladeira (PRA-9) — Celso Guimarães (PRE-8) — Souza Filho (PRA-9) — Carlos Frias (PRG-3) — Saint-Clair Lopes (PRE-8) — Dilio Guardia (PRA-9) — Manoel Barcellos (PRG-3) — Urbano Lóes — Paulo Gracindo — Aurelio Andrade — Cesar de Alencar — Héber de Bôscoli — Christovão de Alencar — Rubens Amaral — Manoel de Nóbrega — Ramos de Carvalho — Attila Nunes — Claudjo Mancini — Gastão do Rego Monteiro — Luiz de Carvalho — Zani Filho — Pedro de Carvalho — Affonso Scola — Paulo Rodrigues — Santos Garcia — Xavier de Souza — Henrique Baptista — João de Freitas — Homero Bruce — Paulo Netto — Waldemar Galvão — Oswaldo Elias — Julio Louzada — Ribeiro Martins — Felicio Mastrangelo — Fausto Serpa — José Roberto — Duarte de Moraes — Almeida Guimarães — Jim Barboza — Raul Longras — Oswaldo Luiz — Waldeck Magalhães — Milton Salles — Reynaldo Costa — Manoel Ballian — José Duba — Lahire Caldas — Orlando Pacheco — Nelson Nobre — Raul Brunini — Flavio Heleno.

#### "Speakers"-esportivos

Ary Barroso (PRG-3) — Oduvaldo Cozzi (PRA-9) — Gagliano Netto (PRE-8) — Antonio Cordeiro (PRA-3) — Mario Provenzano — Erik Cerqueira — Valdo Abreu — Cáspar — Aylton Flôres — Rodrigues Filho — Fernando Salgado.

#### "Speakers"-radiatores

Cesar Ladeira (PRA-9) — Celso Guimarães (PRE-8) — Souza Filho (PRA-9) — Paulo Gracindo (PRG-3) — Saint-Clair Lopes (PRE-8) — Paulo Roberto — Urbano Lóes — Ramos de Carvalho — Manoel de Nóbrega — Zani Filho — Aurelio Andrade — Gastão do Rego Monteiro — Cesar de Alencar.

### 3) Melhores compositores

Ary Barroso (PRG-3) — Lamartine Babo (PRE-8) — Dorival Caymmi (PRG-3) — Gastão

Lamounier (PRB-7) — Assis Valente — Custodio Mesquita — André Filho — Nássara — Babo de Barro — Alberto Ribeiro — Joubert de Carvalho — Oswaldo Santiago — Paulo Barbosa — José Maria de Abreu — Haroldo Lobo — Eratozzenes Frazão — Ataulpho Alves — Benedicto Frazão — Mario Lago — Roberto Roberti — Arlindo Marques Junior — Roberto Martins — Antonio Almeida — Christovão de Alencar — Wilson Baptista — Milton de Oliveira — Gomes Filho — Juracy Araujo — Ubirajara Nesdan — Laurindo de Almeida — Humberto Porto — Sivan — Héber Tavares — Peterpan — Saint-Clair Senna — Alcyr Pires Vermelho — David Nasser — Felisberto Martins — Sá Roris — Nôndô — Muraro — Garoto — Germano Augusto — Cyro de Souza — Jorge Fáraç — Donga — Dante Santóro — Pixinguinha — Rodamés Gnatalli — J. Cascata — Lençol de Azevedo — Hannibal Cruz — Godé — Lyrio Parricalli — Alcebiades Barcellos — Newton Teixeira — Milton Amaral — Carolina Cardoso de Menezes — Mario Rossi — Alcides Luz — Alwayn Grego — Aldo Cabral — Waldemar Henrique — Francisco Alves — Sylvio Caldas — Maria Baptista — Edgard Freitas — Heitor dos Prazeres — Dunga — Mario Travassos — Julio de Oliveira — Kid Pepe — Príncipe Pretinho — Scylla Gamao — J. Piedade — Marino Pinto — Francisco Mignone — Antenógenes Silva — Augusto Vasseur — Dilermando Reis — Luiz Americano — Valente Celestino — Rogerio Guimarães — Britinho — Romeu Ghipsman — Henrique Vogeler — Cesar Cruz — Luperce Miranda — Manézinho — Paquito — Walfrido Silva — Luciano — Myrthes de Ville — Yvonne Rebello — Eugenio Martins — Pereira Filho — Luiz Bittencourt — Edward de Almeida — Celso Macedo — Alvaide — Cruz — Pedro Caetano — Marcello von Sydow — Augusto Garcez — Vargas Junior — Edgard Cardoso — Arnaldo Paes — João da Bahiana — Paulo do Pondeiro.

### 4) Melhores humoristas

Lamartine Babo (PRE-8) — Lauro — (PRA-3) — Nhô Totico (PRA-9) — Jorge — Chiquinho Salles — Sebastião Fonseca — Baptista Junior.

### Cômicos

Barbosa Junior (PRE-8) — Silvino — (PRG-3) — Pinto Filho (PRA-9) — Zé — Grande Othello — Vasco Ferreira — Maia — Juvenal Fontes.

### Cânticos regionais

Açoreana-Bentinho (PRA-9) — Jararaca-Ratinho (PRE-8) — Xerêm (PRA-9) — "Tar e Quê" — Dulcinha (Dulce Malheiros).

### 5) Melhores conjuntos musicais

Orquestras: PRA-9 (direção de Alberto Lazzeri) — PRE-8 — PRG-3 — PRA-3.

Bandas: PRA-9 — PRA-3 — PRE-8 — PRG-3.

### 6) Melhores instrumentistas

Alcino (PRA-9) — Rodamés Gnatalli (PRE-8) — João Fon (PRG-3) — Pixinguinha (PRA-9) — Benedito Lacerda (PRA-3) — Luiz Americano — Fomeu Ghipsman — Dante Santóro — Garoto — Esperce Miranda — Oscar Borgerth — Carolina Cardoso de Menezes — Passos — Laurindo de Almeida — Dilermando Reis — Antenógenes Silva — Rogério Guimarães — Edú — Napoleão Tavares — Xavier — João da Bahiana — Pereira Filho — Nôô — Maria do Carmo Botelho — Eugênio Martins — Tute — Celso Macedo — João Carlos de Mesquita — Iberê Gomes Grosso — Celio Nogueira — Luciano — Luiz Bittencourt — Cantarão — Geraldo Rocha Barbosa — Chiquinho — Ilara Gomes Grosso — Luciano Perrone — Selma Wanda — Nelson Miranda — Chuca-Chuca — Salomão — Chiquitinho — Dédé — Kalúa — Britinho — Carioca — Cesar Moreno — Edgard Sampaio — Jôca — Russo do Pandeiro — Popeye.

### 7) Melhores radiatores

Plácido Ferreira (PRA-9) — Armando Louzada (PRA-9) — Olavo de Barros (PRG-3) — Antonio Laio (PRB-7) — Gastão André (PRA-9) — Renato Murce (PRA-3) — Manoel Braga — Castro Viana — Edmundo Maia — Ary Vianna — Mafra Filho — Floriano Faissal — Anís Murad — Saddy Cabral — Paulo Moreno — Jayme Faria Rocha — Arthur de Oliveira — Jcir Thaumaturgo — Wilson Lazzaro — Milton Amaral — Moacyr Bueno Rocha — Francisco Moreno — Luiz Tito — Mario Brazini — Arthur Costa Filho — Mario Rocha — Oswaldo Silva — Carlos Ré.

### Policiais (permanentes)

Alcino Zarur (PRA-9) — Souza Filho (PRA-9) — Paulo Roberto (PRD-2) — Manoel Braga — Athayde Ribeiro — Santos Garcia — Anís Murad — Augusto Araujo.

### Radiatrizes

Cordelia Ferreira (PRA-9) — Ismenia dos Santos (PRE-8) — Annita Spá (PRA-9) — Zézé Fonseca (PRE-8) — Thereza Costa (PRA-9) — Olga Nobre (PRA-3) — Yára Salles — Tina Vittu — Aida Verona — Amelia de Oliveira — Abigail Maia — Arlette de Souza — Arlette Machado — Lydia Mattos — Norka Smith — Sonia Barreto — Sylvia Regina — Annamario — Nena Martinez — Stefania Louro — Diola Silva — Sonia Oiticica — Dhalia Garcia — Heloisa Helena — Mario do Carmo — Mafra Barros — Wilma Faria — Leticia Flora — Cecy Medina — Alma Flora — Nair

Alves — Maria Adelaide de Vasconcellos — Henriqueta Brieba — Britz Dias — Ilda Wagner — Yará Jordão.

### 8) Melhores cantores

Francisco Alves (PRE-8) — Sylvio Caldas (PRG-3) — Carlos Gaiharo (PRA-9) — Orlando Silva (PRE-8) — Cyro Monteiro (PRA-9) — Gilberto Alves (PRG-3) — Gastão Formenti (PRA-3) — Vicente Celestino — Candido Botelho — Moreira da Silva — Sylvio Vieira — Almirante — Fernando Barreto — Edgard Lafourcade — Albenzio Perrone — Dorival Caymmi — Nuno Roland — João Petra de Barros — Albertinho Fortuna — Castro Barbosa — Manoel Reis — Mané-zinho Araujo — Arnaldo Amoral — Patricio Teixeira — Paulo Serrano — Jayme Britto — Nelson Gonçalves — Angelo de Freitas — Marcel Klass — Moraes Netto — André Filho — Roberto Paiva — Moacyr Bueno Rocha — Augusto Calheiros — Nilton Paz — Jorge Fernandes — Bob Lazy — Déo Mario Moraes — Oswaldo Porto — Newton Teixeira — Renato Braga — Vassourinha — Dilermando Pinheiro — Mancel Villar — Mauro de Oliveira — Milonguita — Manoel Monteiro — Joaquim Pimentel — Pedro Celestino — Wilson de Andrade — Paulo Murillo — J. B. de Carvalho.

### Cantoras

Carmen Miranda (PRA-9) — Dyrzinha Baptista (PRA-9) — Aracy de Almeida (PRG-3) — Odette Amaral (PRA-9) — Linda Baptista (PRE-8) — Christina Maristany (PRG-3) — Sonia Barreto — (PRA-3) — Marília Baptista — Cynára Rios — Emilinha Borba — Lydia de Alencar — Sylvinha Mello — Elisinha Pierotti — Aurora Miranda — Maria Amorim — Rosina Pagã — Olga Praeger Coelho — Luiza Torres Paranhos — Haydée Brasil — Alzirinha Camargo — Alda Verona — Elisinha Coelho — Roxane — Dilú Mello — Nena Robledo — Zita Coelho Netto — Carmelia Alves — Yvonne Mirand — Carmen Barbosa — Mára — Rose Lee — Licia Maris — Mariú — Simone Moraes — Bidú Reis — Eladyr Porto — Virginia Lane — Ilda Mello — Odette Baptista — Gesy Barbosa — Alma Cunha de Miranda — Maria Baptista — Regina Helena — Lila Olive — Esmeralda Ferreira — Carmelita Perêda — Haydée Marcondes — Léa Coutinho — Rachel Martins — Jeanette — Suzana Toledo — Janir Martins — Maiú Aty — Heleninha Costa — Luizinha Carvalho — Lucia Miranda — Aida Costa — Lourdinha Bittencourt.

### 9) Melhores escritores de programas

Genolino Amado (PRA-9) — Almirante (PRE-8) — Theophilo de Barros (PRG-3) — Renato Murce (PRA-3) — Gomes Filho (PRB-7) — Eugenio da Figueiredo (PRA-9) — José Mauro — Victor Costa — Edmundo Lys — Campos Ribeiro — Celestino Silveira — Saint-Clair Lopes — Paulo Roberto — Jayme Faria Rocha — Oswaldo Gouvêa — Gramury — Armando Louzada — Ivo Pegonha — Berliet Junior — Héber de Bôscoli — Braga

Filho — Armando Miguéis — Edgard de Carvalho — Benvindo Edinaldo.

#### De crônicas

Gilson Amado (PRA-9) — Genolino Amado (PRA-9) — Gomes Filho (PRB-7) — Edmundo Lys (PRB-7) — Campos Ribeiro — Djalma Maciel — Elias Cecilio.

#### 10) Melhores conjuntos vocais

Bando do Lua (PRA-9) — Anjos do Inferno (PRG-3) — Garoto e os 4 Diabos (PRA-9) — Academia do Samba, com Ataulpho Alves (PRA-9) — Quatro azes e um coringa (PRG-3).

Trios: — Trio de Ouro: Dalva de Oliveira com a dupla Preto e Branco (PRE-8) — Os 3 Marrécós (PRD-2).

Duplas: — Joel-Gaúcho (PRE-8) — Irmãos Tapajós (PRE-8) — Henricão e Carmen Costa (PRA-9).

#### 11) Melhores elencos radiatrais

PRA-9 — PRE-8 — PRG-3 — PRA-3.

#### 12) Melhores radiatrólogos

Amaral Gurgel (PRE-8) — Gramury (PRA-9) — Saint-Clair Lopes (PRE-8) — Eugenio de Figueiredo (PRA-9) — Cesar Ladeira (PRA-9) — Armando Louzada (PRA-9) — Oswaldo Gouvêa (PRA-9) — Haroldo Barbosa — Fausto Paranhos — Celso Guimarães — Arnaldo Calazans — Carlos Medina — Victor Costa — Anselmo Domingos — Floriano Faissal — Regina Vianna Borges — Elias Cecilio — Estacio de Lacerda — Sivan — Castro Vianna — Jayme Faria Rocha — Maria Celia — Cyro Vieira da Cunha — Miguel Picanço Filho — Berliet Junior — Manoel de Nóbrega — Annibal Costa — Nilce Gripp Tardin — Attila Nunes — Cesar Fabbri.

#### Policiais

Berliet Junior (PRA-9) — Annibal Costa (PRB-7) — Jorge Marinho (PRD-2).

#### De adaptações

Placido Ferreira (PRA-9) — Victor Costa (PRE-8) — Olavo de Barros (PRG-3) — Elias Cecilio (PRA-3) — Ivo Peçanha — Malba Tahan — Oswaldo Gouvêa — Armando Louzada — Gramury — Celso Guimarães — Castro Vianna — Nilce Gripp Tardin — Heloisa Lentz de Almeida — Jayme Faria Rocha — Estacio de Lacerda — Regina Vianna Borges — Freitas Guimarães — José Mauro — Cesar Fabbri — Annibal Costa.

#### Especificamente radiatral

Pedro Bloch.

#### 13) Melhores programas

"Curiosidades Musicais" (PRE-8) — "Cenários em Desfile" (PRG-3) — "Cortina Sertão" (PRA-9) — "Quadros da Historia Moderna" (PRA-9) — "Caixa de Perguntas" (PRE-8) — "O Romance da Valsa" (PRB-7) — "Papel Cotidiano" (PRA-3) — "Tribunal de Melodias" — "Aquarela do Brasil" — "Ela e Ele" — "Como nasceram as obras-primas" — "Antigamente era assim..." — "Teatro de Amadores".

#### Radiatrais

"Pelos Ares" (PRA-9) — "Em Casa" (PRE-8) — "Tupi" (PRG-3).

#### Policiais

"Sherlock" (PRA-9) — "Policia" (PRE-8) — "Mistério" (PRD-2).

#### Literarios

"Biblioteca do Ar" (PRA-9) — "Secretaria" (PRE-8) — "Penumbra" (PRG-3) — "Relatório" (PRH-8).

#### Sertanejos

"Alma do Sertão" (PRA-3).

#### Femininos

De Léa Silva (PRE-8) — De Elza Marzullo (PRG-3) — De Ilka Labarthe (PRD-2) — De Luiza Torres Paranhos — De Annamaria — De Sagorâm de Scuvéro.

#### Juvenis

"Juventude Brasileira" (PRE-8).

#### Infantis

PRD-2 — PRC-8 — PRF-4.

#### Particulares

"Casé" (PRA-9) — "Luiz Vassallo" (PRE-8) — "Samba e Outras Coisas" (PRD-2).

#### Radio-Jornalísticos

"Cine-Radio Jornal" (PRA-9) — "Que é que o Teatro tem?" com "Cinema às claras" (PRE-8) — "Short Cinematográfico" (PRD-2) — "Teatro por Dentro" — "Você leu?" — "Diario da Guerra" — "Jornal dos Teatros".

#### Instrutivos

"Polestras Culturais" (PRA-9) — "A Voz em Perguntas e Respostas" (PRA-9) — "Enciclopedia Popular Pranova" — "Universidade do Ar".

#### De educação física

"Hora da Ginástica" de Oswaldo Diniz — "Ginástica" (PRE-8).

#### 14) Verdadeira música popular brasileira

Samba — Canção — Valsa — Marcha — Sertão — Chôro — Samba-canção.

# BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

## FUNCIONA

## ATÉ ÀS 7 HORAS DA NOITE

## ALFANDEGA, 50

# Os Mistérios da TORRE DE NESLE

ROMANCE HEROICO DE Michel Levaco



(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

— Acabamos de levantar-nos da mesa — disse Gautier: — mas isso não é uma razão para não se ter fome.

— É uma razão séria para só se ter sede — disseram os dois outros.

Então, enquanto Bigorna e Buridan edificavam um baluarte de madeira; enquanto se ouvia do outro lado da porta a voz breve e rouca de Marigny dando ordens, as exclamações dos soldados; enquanto ressoaram as primeiras pancadas destinadas a arrombar a porta, Guilherme, com uma pancada seca, quebrava o gargalo de um garrafão e enchia os copos; Gautier segurava um ganso para esquartejá-lo e, encontrando à mão a espada de Buridan, foi com essa faca que se serviu.

Nesse momento, tendo acabado o trabalho, Buridan e Bigorna voltaram-se.

— Arrombam ou não essa porta, pelo céu? — exclamava Marigny.

— Olé! Bigorna, tens direito a esta coxa! — gritou Gautier. — Buridan, pega nesta asa. Quanto ao meu irmão Felipe, que se alimente de amor.

Buridan não tinha fome, mas tinha sede e provou-o. Quanto a Bigorna, pôs-se a devorar a coxa, que lhe tinha sido concedida, resmungando:

— Tenho a barriga cheia como uma saísicha, por São Barnabé, mas como não sei quando me será permitido cear, parece-me razoável almoçar duas vezes.

— A' meia-noite devemos estar no palácio de Valois. Não devemos nos esquecer disto.

— Pelas tripas do demo! — disse Gautier. — Esquecer-me-ia antes de que tenho esta noite um encontro em casa de Inez Piedeleu.

— Pelo digno cura de Santo Eustáquio! — disse Bigorna. — Lá estaremos.

— Mortos ou vivos! — disse Guilherme.

— Isto é que é lógica — guinchou Riqueta. — Como devemos estar à meia-noite no palácio de Valois e daqui até lá estaremos todos trucidados, não podendo ter lá vivos, iremos mortos, que dizes a isto? Buridan, bacharel do diabo, burro arreado, que merecias ser um doutor em ciencias lógicas, se a rainha Margarida te tivesse dado o tempo.

A porta, despedaçada, abriu-se de alto a baixo. Através o amontoado das fortificações apareceram as caras furiosas dos assaltantes.

— Senhores! — disse Buridan, que se aproximou.

A um gesto de Marigny, fez-se silêncio no bando.

— Senhores — continuou Buridan — meus amigos e eu combinávamos diversos encontros para os quais fomos convidados esta noite. Queiram dar-nos o prazer de se calarem alguns minutos, afim de não nos ensurdecer com os seus gritos, para que possamos nos entender.

Ouviram-se berros de raiva da gente de Marigny, misturados com insultos que o nosso leitor moderno

não nos perdoaria se os transcrevêssemos, a menos que empregássemos o latim ou mesmo o grego.

— É' peor do que a feira de Laudit! — vociferou Guilherme.

— Dize que é peor do que o mercado dos suínos, quando são mergulhados nas caldeiras fervendo os porcos de onde se tiram os presuntos ou os judeus quando se lhes tiram os escudos de ouro.

Uma nova descarga de injúrias recebeu essas palavras de Riqueta Handryot que, sossegadamente, esvaziou o seu copo.

Mas um novo sinal de Marigny impôs silêncio a essa matilha a berrar.

— João Buridan — disse, então, o primeiro ministro, — dou-te o prazo de uma hora. Daqui até lá ficas tranquilo, mas depois vais comparecer perante a justiça do rei!

— Marigny — disse Buridan — dou-te o prazo de um mês, como dizem que o senhor Thiago de Molay concedeu ao rei Felipe, o Belo; depois comparecerás perante a justiça de Deus!

Buridan voltou os calcanhares e os seis companheiros sitiados sentaram-se em roda da mesa.

— Acabemos de jantar! — disse Buridan.

...

Anotecera. Na sala onde estava Marigny e os seus homens, tinham aceso tochas, que reverberavam no aço das couraças e das armas reflexos avermelhados. Mas a sala contígua, onde estavam os sitiados, continuava mergulhada na escuridão.

Marigny meditava.

Em que pensava nesse instante em que tinha nas mãos o homem que ele odiava com um ódio diferente, mas não menos do que o que ele votava a Valois?

Talvez pensasse que esse homem tão jovem, tão bravo, tão tranquilo diante da morte, merecia ser amado pela sua filha. Haveria nessa alma enegrecida algum vislumbre de compaixão, provocado talvez pela admiração? Quem sabe?

A verdade é que não somente durante uma hora, como ele tinha dito, mas durante perto de três horas, Marigny ficou junto dessas fortificações levantadas por Buridan, sem dar ordem de abatê-las. Os seus homens espantavam-se e, com a liberdade que havia então, manifestavam em voz alta o seu descontentamento. Diante das queixas e pragas com que desabafavam, Marigny se conservava desdenhosamente calado.

Enfim, pareceu acordar de uma longa meditação, inspecionou os seus homens que, sob o seu olhar de águia, estremeeceram, sentido aproximar-se o momento e, com voz clara, pronunciou!

— Acabem com isso e prendam os rebeldes!

A essas palavras, um urro terrível, frenético, acudiu o antigo palácio até os seus alvarais, e confun-

ddos uns com os outros, os archeiros de Marigny precipitaram-se sobre a barricada.

— A caminho! — gritou Buridan.

Postados atrás da barricada, Bigorna, Buridan, Felipe, Gautier e Riquete estendiam as cinco pontas ameaçadoras das suas espadas ou dos seus punhais através o entrançado de madeira.

Durante esse tempo, Guilherme deixava-se escorregar pela corda abaixo e descia ao pátio.

Depois foi a vez de Gautier e não houve mais senão quatro defensores atrás da barricada.

Ao descer Felipe, por sua vez, a arca arrastada a machado esborou e as poltronas amontoadas em cima caíram em grande estrondo, enquanto os assaltantes davam clamores de vitória.

Riquete Handryot e Bigorna desceram, um atrás do outro.

— E' a sua vez, patrão! — gritou Bigorna, trepando por cima da janela.

— Tenho tempo — respondeu Buridan, que deu uma última estocada e ainda derrubou um homem.

Nesse momento, através o amontado da barricada rachada, quebrada, desmoronada, os prisioneiros assaltantes, com o punhal na mão, precipitaram-se na sala. Mas, ao grito de vitória, respondeu um urro de raiva de Marigny.

— Marigny! Lembra-te que eu te empenhei ás forças de Montfaucon!

Ele desapareceu, mergulhou nas trevas, no fundo das quais se ouviam os rugidos das feras acordadas por esses ruidos insolitos.

Furioso, o coração cheio de ódio, Marigny debruçou-se. Um instante, com o seu olhar aguçado, examinou as trevas e avistou vagamente uma sombra que escoregava pela corda abaixo.

— Demônio! — murmurou ele, rangendo os dentes. — Não era com uma morte tão suave que eu te queria matar, mas não posso escolher melos.

Ao mesmo tempo ele sacou o punhal e, com um gesto fulminante, cortou a corda. Depois debruçou-se ainda mais, quasi a cair, e então, em vez do grito de agonia do homem que arrebenta o cráneo de encontro ás lajes do pátio, ele ouviu só esta palavra resmungada, ou antes gritada pelo gigantesco Gautier d'Aulnay:

— Sim!...

Sim, a corda rompera-se! Mas só se rompera no momento em que Buridan estava apenas a altura de alguns pés do chão. Ele caiu sobre os ombros de Gautier d'Aulnay, que exclamou:

— Pelas tripas do demo! Que diabo fazes tu nas minhas costas, Buridan?

— Tu o vês! Tinha necessidade de uma escada visto ter a corda ficado muito curta.

Ao mesmo tempo, saltava agilmente ao chão.

Os seis companheiros correram para a grade do primeiro pátio, que escalarão.

Aí se encontraram com três criados de Stragildo, que, assustados, supunham que as feras tivessem fugido das suas jaulas. Gautier saltou sobre o primeiro, Guilherme agarrou o segundo, Buridan apertou a garganta do terceiro e disse-lhe, friamente:

— Se tens amor á vida, meu caro amigo, apressa-te em abrir-nos a porta, visto termos uma entrevista urgentíssima.

Com efeito, uma enorme porta macissa, encimada por uma grade fortíssima, separava o cercado da rua.

— Obedeço, monsenhor! — disse o homem, com uma voz sufocada.

Buridan arrastou-o até a porta e em alguns instantes o criado, que era prático na manobra complicada dos ferrolhos, abriu-a.

Os seis companheiros precipitaram-se para fora.

Nesse momento ouvia-se do lado do Louvre um rumor confuso e em breve um bando numeroso de soldados invadia a rua, ao clarão das tochas. A' frente dessa gente corria um homem que, vindo de longe abrir-se a porta do cercado, compreendeu sem dúvida

o que se tinha passado, porque soltou uma terrível praga e, voltando-se para Hugo de Trencavel, que comandava a companhia:

— E' inutil ir adiante — disse ele, com uma gargalhada. — As feras fugiram!

— As feras! Olhe, não vê como elles correm? Esse homem era Stragildo.

— Como? As feras fugiram! — disse o capitão da guarda, assustado. — Olá! camaradas, atenção! Parece que temos de combater os leões do rei!

— Qual! — disse Stragildo, levantando os ombros. — Se fossem só os leões, não teria falado em feras.

E com isso, deixando Trencavel estupefacto e assustado, Stragildo alcançou o cercado, resmungando entre os dentes:

Esse imbecil Margny deixou fugir o bando dos furiosos. Creio que é tempo de tratar de procurar eles mais clementes... Quem abriu a porta? — acrescentou ele, friamente, dirigindo-se aos empregados remidos, que estavam aterrados diante do patrão.

— Eu! — disse um deles. — Fui forçado por...

O desgraçado não teve tempo de dizer mais nada. Stragildo, tirando da cinta um punhal curto, deu-lhe um golpe terrível entre os ombros; o homem caiu como uma massa, agitou-se um instante, e mais nada.

— Isto é para ensinar-lhes a atender ás minhas ordens, que são as da rainha! — exclamou Stragildo. — Levem o cadaver deste imbecil! E agora, por onde passaram os fugitivos?

Um dos criados indicou-lhe, a tremer, a direção do Mercado.

Stragildo partiu, enquanto os guardas das feras levavam o cadaver do seu camarada.

## O PALÁCIO DE VALOIS

SOAVA meia-noite em Santo Eustáquio quando os seis companheiros, depois, de uma rápida corrida, chegaram á praça da Gréve.

— Chegaremos tarde demais! — arquejava Buridan, que começava a correr para a poterna de Santo Antonio.

Os outros acompanhavam-n'o silenciosamente e durante a noite essa corrida fazia medo até aos próprios truões de emboscada nas esquinas das vielas.

— Alto lá! — gritou uma voz nas trevas. — Não se pode passar!

Sem responder, Buridan precipitou-se, de cabeça baixa. Houve uma colisão, um enredado de sombras furiosas, de gritos: "Assassinos! Truões!..." E os seis passaram através da patrulha da ronda contra a qual elles tinham esbarrado.

— Uh, dois, quatro, seis, estão todos aqui — disse Bigorna. — Nenhum de nós lá ficou. E, entretanto, a primeira vez no palácio d'Aulnay, a segunda vez com o nosso choque contra esses desesperados da rua, nós todos já deveríamos ter perdido a pele. Que dia é isso, senhor Felipe?

— Digo — respondeu friamente Felipe de Aulnay — que no terceiro encontro, que se vai dar daqui a pouco, um de nós, pelo menos, cessará de viver.

— E quem será esse, sem indiscreção? Não ficaria zangado por sabê-lo, porque se, por acaso, fosse eu, por São Barnabé, quisera ao menos confessar-me antes de morrer. Como não tenho confessor dentro do bolso, nem o senhor também, evidentemente, seria o senhor mesmo, senhor Felipe, forçado a receber a última confissão de um bom cristão que, de resto, não tem a culpa de ter sido demasiado clemente para alguns judeus que tinha o dever de despachar...

— Quem vai morrer — disse Felipe — não precisa de confissão.

— Ah! ah! E quem é? — disse Bigorna.

— Eu! — respondeu Felipe.

Continuava a correr sem dizer mais nada, mas Bigorna pensava:

— Pobre moço! Como o amor lhe virou a cabeça pelo avesso! Este ainda não está louco de todo, mas pouco falta.

Estavam diante da porta indicada por Gillonne. Buridan bateu as três pancadas convencionadas.

\* \* \*

Gillonne, uma vez de volta do palácio de Valois, foi procurar Simão Malingre no quarto que ocupava perto dos aposentos do conde de Valois.

Simão Malingre estava sentado perto de uma mesa e examinava curiosamente um frasco que segurava com precaução.

— Olha — disse ele, avistando Gillonne — ia justamente mandar-te buscar, minha meiga noiva, porque tenho ordens da parte de monsenhor a transmitir-te. Gillonne estremeceu e calou as palavras que já lhe iam escapando.

— De que se trata? — disse ela.

Malingre, sem responder, levantou o frasco que mantinha entre o polegar e o indicador, e, assobiando uma melodia popular, parecia inspecionar o conteúdo com muita atenção. Depois pôs-se a rir.

— Gillonne — disse ele, enfim — há muito tempo que andas correndo atrás da fortuna. Pois bem; ela está aqui dentro.

E Malingre continuou a rir como ria, isto é, torcendo a boca de modo hediondo descobrindo alguns dentes descarnados.

Gillonne, acautelando-se, esperava e pensava:

— Daqui a pouco será a minha vez de rir.

— Estás vendo este frasco minha bem amada? — prosseguiu Malingre. — Pois bem; comprei-o eu mesmo na rua de São Martinho, em casa do ervanário a quem já fizemos mais de uma visita, quer para o nosso serviço, quer em serviço do nosso amo e senhor.

— Então é veneno? — perguntou friamente Gillonne.

— Isso mesmo! — disse Malingre, com a mesma risada diabólica que nós tentámos descrever.

— E para quem? — perguntou, com voz breve, Gillonne.

— Vais sabê-lo, minha meiga amiga. Há neste momento, num cárcere do Templo, uma mulher... Mas tu a conheces. É justamente a mesma que morava na casa assombrosa do Cemitério dos Inocentes; aquela que seguiste desde Pré-aux-Clercs; aquela cuja moradia me indicaste com a tua complacência do costume.

Gillonne, ao lembrar-se da cena que Simão Malingre evocava, não pôde deixar de estremeecer, e uma onda de fúria transpareceu-lhe no rosto pálido.

— Ah! ah! — disse Malingre. — Vejo que me conservaste rancor. Não tens razão, Gillonne; foi tanto no teu interesse como no meu, visto que nos vamos casar. E a prova é que já mereceste honras. Não somente te encarregou monsenhor de velar pela moça, mas ainda ele te encarrega de...

Simão Malingre parou.

— De matar a velha — disse Gillonne, com a mesma frieza.

— Não conheço mulher alguma tão inteligente como tu, Gillonne — disse, zombando, Malingre. — Vais então encarregar-te deste lindo frasco; irás ao Templo, indicá-lo-te-ão o cárcere em questão e o resto é contigo. Vês, não tinha eu razão?

Gillonne meditava. Uma voz surda e poderosa fazia-a tremer: Simão Malingre estava, agora, á sua mercê. Esse incidente se prestava admiravelmente á execução do seu projeto. Foi, pois, com um sorriso, que supunha ser gracioso, mas que era simplesmente um pouco mais hediondo do que de costume, que ela pegou no frasco e disse:

— Pois bem. Dentro de duas horas a mulher estará morta.

Malingre, por mais encorajado que fosse contra as emoções, não pôde deixar de estremeecer. Um instante ele observou a mulher que acabava de pronunciar tão friamente essas palavras, com uma admiração misturada de terror.

— Gillonne — disse ele, por fim — apesar-das nossas brigas, acabaremos por entender-nos ás mil maravilhas.

— Sim! — disse Gillonne. — Faremos um casal razoavelmente hediondo.

Malingre pôs a mão sobre o nariz, o que nele era indício de profunda reflexão. Pensava isto simplesmente:

— Esta Gillonne tem o espírito demasiadamente sutil para mim. É preciso livrar-me dela. Se eu não a matar, ela me matará. Ora, como eu não quero que ela me mate, sou forçado a matá-la; pelo menos não creio que um doutor da Sorbonne argumentasse com mais certeza. Gillonne — disse ele, em voz alta — verás a realização de todas as minhas promessas: serás rica. Vivoras no ouro, acabarás afogando-te no ouro... (E, pronunciando estas palavras, a voz de Malingre teve vibrações sinistras). Já és, graças a mim, o principal ministro das vontades de monsenhor. Mas não é tudo; eu comencei a executar o nosso grande projeto; estive com Lancelote Bigorna em casa de Noel-Pernas-Tortas, na taverna da rua Tirevache, e ainda hei de procurá-lo de novo. Este Buridan, Gillonne, (Gillonne estremeceu e uma curiosidade intensa fê-la debruçar-se, arfando, para o terrível personagem), este Buridan, com o auxílio de Lancelote Bigorna, pode muito bem passar pelo filho de monsenhor de Valois, e então...

Simão Malingre levantou-se vagarosamente. A sua fisionomia se transformara. Os seus olhinhos luzentes pestanejaram. Com voz baixa, com ardente cobiça, ele pronunciou:

— Então, Gillonne, não serão somente alguns miseráveis escudos que cairão no teu cofre, é a fortuna inteira de Valois que passará das mãos dele para as tuas... Para as tuas!... Estás ouvindo? Porque eu não quero senão ser o teu servo... teu esposo dedicado, porque sabes que te amo.

Simão Malingre tornou a sentar-se.

Durante um minuto de angústia e de cálculo, Gillonne procurou perceber se Malingre era sincero. E, sem dúvida, se lhe fosse possível hesitar; se houvesse a menor possibilidade de fazer esse homem servir aos seus projetos, ela renunciaria a matá-lo.

Infelizmente para Malingre, ele achou que devia acrescentar, ao admirável discurso que acabava de pronunciar, estas palavras que, dirigidas a uma mulher como Gillonne, constituíam grave erro:

— Sabes que te amo!

— Está bem! — disse Gillonne. — Sei que tu me amas e de que modo me amas; fica, pois, de pé o nosso pacto, e para dar-te uma prova de minha confiança, quero, Malingre, dizer-te as ordens de Monsenhor. Enquanto eu estiver no Templo, é necessário que não fique a pequena Myrtila sem ser vigiada. Sabes que, sob pena de morte, não devo indicar a ninguém em que lugar do palácio eu a tenho prisioneira. Pois bem, vais sabê-lo.

Gillonne pegou no frasco de veneno que Malingre pousara sobre a mesa, escondeu-o debaixo da sua capa e saiu da sala.

— Tenho-a á minha mercê! — disse de si para si Malingre.

E seguiu aquela que ele chamava sua noiva.

— A porta que eu tocar ao passar — murmurou-lhe Gillonne, no corredor — é aí, mas lembra-te que, se Monsenhor souber que eu te indiquei o lugar onde está Myrtila, serei morta. Segue-me á distância.

Gillonne pôs-se a andar rapidamente, desceu escadas, atravessou um pátio, entrou num lado deshabitado do edifício, subiu, andou todo o comprimento de um corredor e parou um instante diante de uma porta que ela tocou com o dedo; depois continuou a andar, desceu pelo outro lado do edifício e dirigiu-se para uma porta baixa situada na extremidade do palácio, atrás da casa dos arceiros. Malingre acompanhava-a sempre. Chegando á porta baixa, Gillonne parou e Malingre alcançou-a.

— Viste bem — disse — o lugar que eu toquei com o dedo? E' aí que está a pequena Myrtilia. Agora, ouve! Eu vou ao Templo, estarei aqui de volta á meia-noite. Visto te occupares com a minha fortuna, Simão, é justo que me ocupe com a tua. Tenho uma idéa, vês tu, que, se for bem succedida, fará com que nunca mais precisés correr atrás dos escudos de que há pouco falavas.

— Qual é essa idéa? — perguntou Simão, que pensava consigo mesmo que, se pudesse, antes de matar Gillonne, arrancar-lhe mais alguma cousa, seria sempre de algum proveito.

— Saberás quando eu voltar do Templo — disse Gillonne.

— Isto é, á meia-noite, como disseste?

— Sim, á meia-noite. Vem, pois, a esta porta baixa; baterei três pancadas e tu abrirás e, como o lugar é deserto, longe de toda vigilância, poderemos conversar sem receio de espionagem.

Depois dessas palavras Gillonne afastou-se rapidamente. Malingre fechou a porta baixa e, imóvel, ficou mergulhado em profunda meditação.

— A' meia-noite? Aqui? — acabou êle murmurando. Virei. Que terá ela a dizer-me? Veremos.

\* \* \*

Gillonne, ao passar pelos fossos, aí atirou o frasco de veneno que lhe tinha entregue Malingre; depois continuou o seu caminho devagar. Ela ria sozinha e estava, em suma perfeitamente feliz com a boa peça que estava preparando para Malingre. Chegou a Courtille de Rosas, isto é, a essa encantadora casa onde tanto tempo tinha morado com Myrtilia. A casa estava deserta, mas nada aí tinha sido mudado. Penetrou na sala aonde já levamos o leitor no início desta narrativa, sentou-se no seu banco e aí, em plena treva, com a fronte na mão, se pôs a pensar...

O tempo passou. Soaram onze horas nas torres vizinhas.

Gillonne esperou ainda alguns minutos; depois levantou-se murmurando:

— Agora chegou o momento: é tempo de explicar a Monsenhor como o trai Malingre; é tempo de Monsenhor chegar a palácio o Simão, meu caro Simão, será preso no momento mesmo em que estiver conduzindo Buridan junto da pequena Myrtilia. E eu chegarei a tempo para ver queimar-se a fogo lento o meu digno noivo.

\* \* \*

A' meia-noite estava Simão Malingre perto da porta baixa, esperando o sinal que lhe devia dar Gillonne. Bateu meia-noite. Passaram-se mais alguns minutos.

— A velhaca não virá!... — murmurou Malingre. — Quem sabe se ela não zombou de mim? — acrescentou êle, pondo o dedo sobre o nariz. — Quem sabe se ela não me está preparando alguma tração?...

Nesse momento bateram três pancadas á porta.

— Ei-la! — disse Malingre.

Abriu... No mesmo instante ficou parvo de espanto, sentindo uma vertigem de terror: em vez de Gillonne, seis homens entravam rapidamente e fechavam a porta.

— Acudam-me!! Valois, socorro! — gritou Malingre. Não teve tempo de dizer mais nada: a grande mão de Guilherme Borrasca segurava-o pela garganta, enquanto a outra mão se abatia contra o seu ombro, fazendo-o vergar. Ao mesmo tempo, Buridan colocava-lhe sobre o peito a ponta de um punhal, e dizia:

— Se dizes mais uma palavra, amigo, estás morto.

— Calo-me! — gemeu Malingre, meio sufocado.

— Está bem. Solta-o, Guilherme.

Malingre, assustado, suando de medo, olhava para cada um desses personagens que o cercavam e que pareciam bastante espantados de se achar aí.

— Assim é que recebes os teus amigos? — disse um deles, com voz de censura zombeteira. — Fizeste-me uma visita em casa de Noel-Pernas-Tortas, taverna

famosa. Visito-te em casa de Valois, taverna ainda mais famosa. Não achas natural?

— Lancelote Bigorna! — murmurou Malingre, um pouco tranquilizado, porque supunha agora que essa singular aventura fôsse a consequencia da conversa que com êle tivera na taverna da rua Tirevauche.

— Onde está Gillonne? — perguntou, rudemente, uma outra voz.

— O senhor Buridan!

Malingre tremia, ficando de novo aterrado.

— Onde está Gillonne? — continuou Buridan. — Fala, se não quizeres travar relações com êste punhal.

— Conhecimento pouco agradável! — disse Bigorna, zombando. — Três polegadas de aço no vento são um alimento pouco apreciável. Assim, pois, apressa-te a falar, Malingre. Se, entretanto, preferires deixar-te trucidar, não te acanhes, dize-m'o amigo e é como bom amigo, hi han!, que te ouvirei em confissão, porque sei que és tão bom cristão como eu. A confissão, vês, é com que...

— Calas-te? Língua de doutor! — exclamou Guilherme.

— Senhores — gaguejou Malingre — meus boas fidalgos... Eu não sei... Gillonne... Depois pertence a Monsenhor Valois.

— Basta! Leva-nos junto de Myrtilia.

— Myrtilia... — murmurou Malingre, enrugando o suor gelado que lhe corria da testa — Myrtilia... ah! eu compreendo... — acrescentou êle, com um frémito de terror. — Ah! a miseravel velhaca! Era então o que ela me estava aprontando!... Senhores, jurai-lhes... Tenham compaixão...

— Tens um minuto para decidir! — disse Buridan, com uma voz que deu a entender a Malingre que não estavam de modo algum a gracejar.

Nesse minuto, que lhe deram como suprema espera, Simão Malingre, que, como os nossos leitores já puderam perceber, era um calculista de primeira força, avallou no seu espirito a situação e resumia-se nestes dois termos: 1.º Se obedecesse á intimação de Buridan, seria sem dúvida enforcado pelo senhor conde de Valois. 2.º Se resistisse, sem dúvida alguma, também, iria ser apunhalado. Mas a punhalada apresentava-se sob a forma immediata e tangível de uma ponta de punhal, enquanto que a vingança de Valois ainda estava em estado vago.

Simão Malingre estava nesse ponto das suas reflexões, quando sentiu entrar-lhe de leve a ponta do punhal.

— Obedeço! — gritou êle. — Venham!

— Marcha! — disse Buridan. — Bigorna, põe-te ao lado dele, e se fizer menção de fugir, mata-o.

— Vamos! Meu velho camarada! — disse Bigorna que segurou no braço de Simão Malingre. — Buridan, que a peste sufoque!, é um bruto, não conhecendo nada a delicadeza de nós outros que, outrora, juntos roubámos, assaltámos, incendiámos, tudo de mansinho, sem que ninguém jamais ouvisse queixas das pessoas com quem tratavamos. Matar-te! Por Barnabé e Babolino, nada receies: contentar-me-ei em estrangular-te.

Durante esse discurso, Bigorna arrastava Malingre na direção que o noivo de Gillonne indicava, e o bando todo chegou ao lugar onde estava Myrtilia encerrada. Subiram, chegaram ao corredor onde tinha passado Gillonne, e Malingre dirigiu-se para a porta que lhe tinha sido indicada.

— E' aqui — disse êle.

— Anda, abre! — exclamou Buridan.

— Abrir! Impossível, visto só Gillonne ter as chaves.

— Myrtilia! — gritou Buridan.

— Buridan! — respondeu de dentro a voz da moça transportada de alegria e esperanza. — Buridan, se tu?

— Sim! sou eu! Nada mais receies. Estás salva! Estás salva!

Ao mesmo tempo, o moço apoiou o ombro á porta, que estalou... Ela ia ceder... Nesse momento, ouviu-se um ruído confuso de vozes e de passos precipitados na outra ponta do corredor e uma tropa armada appareceu illuminada pelos clarões de uma tocha que um archeiro trazia.

— Maldição! — urrou Buridan.

— Entim! Aí vem a morte — murmurou Felipe, com uma exaltação próxima da loucura.

Quasi no mesmo instante, a tropa, a cuja frente marchava Valois, arquejante, caía, sobre os seis companheiros. Houve choque de armas... nesse corredor estreito, rugidos rucos, urros de raiva, pragas misturadas com os tinidos de aço... De repente, ficou o corredor mergulhado em profundas trevas. Lancelote Bigorna, com um murro no cráneo, acabava de esmagar o archeiro que segurava a tocha e esmagava sob os pés a resina inflamada.

Então o combate assemelhou-se a um pesadelo em que sombras se agitam com gestos vagos, em que os gemidos de furor eram os únicos guias dos combatentes.

Os seis, com um movimento instintivo de tática, tinham-se reunido num só grupo erigido de punhais e recuavam lentamente no sentido inverso do caminho que tinham acabado de percorrer.

Ouvia-se a voz de Valois a berrar: "A' morte!" ordenando que trouxessem tochas.

Valois estava na frente, a alguns passos dos seus archeiros, que, menos encarniçados, não tendo as mesmas razões para arriscarem as suas peles, avançavam com prudência.

Dessa vez Valois calou-se de repente.

Na escuridão do corredor, os archeiros continuaram a agitar-se durante alguns minutos, desafiando os seus adversários e cobrindo-os de injúrias.

Ora, cousa singular, esses adversários, isto é, os seis companheiros que até aqui tinham respondido aos insultos dignos dos heróis de Homero, estavam agora calados.

De repente, a luz das tochas illuminou essa escura passagem; vinham em socorro de dentro do palácio e dessa vez com numerosas luzes. E então os archeiros de Valois deram um grito terrível: o conde tinha desaparecido e, com elle, Buridan e seus companheiros.

De um canto surgiu, então, uma sombra vacillante e trêmula; era Simão Malingre, que durante a refrega aí se refugiara, deitado de bruços, e que agora se erguia, gritando com toda a força:

— Os truões! Valois, socorro!

— Prenham o capitão! — disse uma voz. — E' elle, é elle o traidor!

Simão Malingre reconheceu Gilonne, e murmurou: — Estou morto.

Não teve tempo de pensar em mais nada: preso, levado, carregado, empurrado, fizeram-no descer ao sub-solo do palácio e viu-se atônito, parvo, louco de terror, no fundo de um cárcere. Logo reinou o silêncio em torno dele.

Simão agachou-se e, com a cabeça nos joelhos, esperou.

\* \* \*

Quanto tempo havia que aí estava o desgraçado, sem ousar fazer um gesto, ousando apenas pensar e não pensando senão para esbarrar com assuntos de horror? Nem elle próprio sabia dizê-lo.

Talvez horas se tivessem passado sem que elle descesse por isso. Era dia? Era noite? Elle de nada sabia, porque as trevas eram absolutas.

Com effeito, o palácio de Valois, disposto como o Louvre, semelhante a uma fortaleza, possuía, como todos os palácios senhoriais da época, os seus cárceres, o seu quarto de torturas, o seu pelourinho e a sua forca que estava erguida no alto da torre situada pouco mais ou menos no mesmo lugar onde mais tarde se devia erguer uma das torres da Bastilha. E' mesmo provável que os materiais da velha torre de Valois servissem á construção da que fazia parte a Bastilha.

Seja como for, os transeuntes, levantando o nariz para essa torre, viam bastantes vezes algum cadáver a balançar-se na força, semelhante a uma sentinela macabra guardando Paris.

Então diziam entre si os transeuntes:

— Monsenhor de Valois fez justiça esta noite.

Era justamente nos subterrâneos dessa torre, onde havia também um quarto de interrogatório, isto é, de tortura, que estavam dispostos os cárceres da justiça senhorial do conde de Valois — se todavia se pode aplicar a palavra "dispostos" á rudimentar instalação dessas salas baixas.

O desgraçado Malingre, vítima da sua avareza e do seu espirito de ambição, estava alojado num desses cárceres desde algum tempo, que elle não podia avaliar. Não tinha fome. Sem dúvida, por causa das emoções intensas que lhe comprimiam o estômago. Mas uma sede ardente incendiava-lhe a garganta.

— Ah! — gemeu, num momento, o miserável prisioneiro. — Terei sido condenado a morrer de sede? Que não daria eu para achar-me, nem que fôsse um minuto só, na taverna de Noel-Pernas-Tortas. Ah! mandaria que trouxessem uma botija de cerveja, da mais fresca!... Que digo? Um barril, um tonel de cerveja! Não, meu caro Noel, deixa-me banhar nesse tonel de cerveja! Deixa afogar-me nele. Qures prata? Qures ouro? Tudo o que possuo! Tudo o que roubei! Todo o fruto do meu trabalho encarniçado, paciente, de vinte annos atrás! As minhas pilhas de belos escudos de ouro! Tudo isso, meu caro Noel, por uma simples botija de cerveja! Não, olha; por um copo d'água pura!

Quando estava nesse ponto da sua triste súplica á sombra de um Noel-Pernas-Tortas imaginário, numa taverna igualmente imaginária, ouviu um ruído atrás da porta. Vinha alguém. Corriam os ferrolhos!... Então elle se ergueu, pálido, violentamente, pelo terror. E nisso se esqueceu da sede que o devorava. Caiu, então, de joelhos, procurando levantar os braços acorrentados, e soluçou:

— Perdão, monsenhor! Não me mate! Deixe-me aqui morrer de sede! Visto o senhor ter decidido que eu devo morrer, que lhe importa que eu morra pela sede ou pela força?

Uma gargalhada respondeu-lhe.

Simão Malingre ergueu a sua cara livida e viu Gilonne, que, semelhante a esses fantasmas horrendos que vêm á mente nas horas de febre e de pesadelo, entrava no cárcere e fechava tranquilamente a porta atrás de si. Gilonne enfiou a tocha que trazia no anel a um canto da sala baixa, voltou-se para Malingre e sentou-se defronte dele. Na verdade, com o seu ar pacífico e os seus gestos indiferentes, ella mostrava a fisionomia de uma aparição vinda não se sabia de onde, nem porque, que se espera ver desaparecer. Ella se sentara sobre o lagedo, a três passos de Malingre. Olhou para elle durante algum tempo; depois se pôs a rir.

Malingre teve uma idéa que lhe pareceu genial e que era de arripiar a quem assistisse a essa cena: Elle também se pôs a rir.

Foi horrível. O riso de Gilonne, mau, cheio de fel, o riso de vingança satisfeito; o riso de Malingre tirando com os seus raras dentes descarnados, passando por essa boca convulsa de terror; as duas risadas chocaram-se, encontraram-se, produzindo a mais hedionda amalgama.

Gilonne, de repente, parou de rir; Malingre parou também.

— Então! — disse Gilonne, com uma exclamação.

— Então? — repetiu Malingre, com um estertor de ansiedade.

Houve um longo silêncio. Depois Simão Malingre proseguiu:

— Pregaste-me uma boa peça! Só tu, Gilonne, és capaz de ter dessas boas idéas.

— Não foi uma boa idéa? — disse Gilonne, com uma voz que aterrou o desgraçado. — Dizer-se que te tenho em meu poder, meu digno Simão, que não te

pods mexer e que, quando eu quiser, serás agarrado e levado ao quarto da tortura. Sem dúvida a careta que fazes neste momento é tudo o que se pode imaginar de agradável. Mas o que será belo, vês, é a careta que vais fazer quando vires aquecer o braseiro, quando começares a sentir assarem as tuas carnes...

Simão Malingre deu um gemido lúgubre.

— Que? Que tens? — disse Gillonne. — Não sabes que vais ser queimado a fogo lento? Eu disse a monsenhor: "Não o queime, senhor conde..."

— Boa Gillonne! — disse Malingre, com ardor.

— "Enforque-o somente na alto da sua torre principal" — continuou Gillonne, com ar tranquilo.

— Ah! — gemeu Malingre, rangendo os dentes. — Ah! velhata má! Hedionda maciça! Ah! ruim carniça do inferno!

— Pois bem! Sabes que me respondeu monsenhor? — continuou Gillonne. — Ele me disse: "Não! Não! Eu quero ver a bela careta que ele fará quando o delatarem em cima do braseiro". Compreendes, Simão... Visto monsenhor querer ver a tua careta, serás muito usado recusando-lhe esse prazer... e também a mim.

— Que te fiz eu? — rugiu o desgraçado.

— Nada. Mas também não te faço nada. Estou a dizer-te que queres admirar a tua careta! A propósito, meu digno Simão, poderás dizer-me onde escondeste os escudos que me tomaste?

— Dir-te-ei, Gillonne, juro-te que t'o direi, se me fizeres sair daqui.

— Ainda bem! — disse Gillonne. — Então! Não digo que não.

— Tu não recusas! — gaguejou Malingre, arqueando de esperança insensata.

— A propósito, meu muito amado noivo, já que estamos a fazer confidências, deverias dizer-me quanto possues. Eu disse o que possuía. Ora, visto irmos casar...

— Vamos-nos casar? — gaguejou o desgraçado, que essas frases de esperança e de desespero estonteavam de medo, porque o terror, semelhante a um licor violento generoso, produz no cérebro uma embriaguez especial.

— Não foste tu que m'o prometeste? — respondeu Gillonne. — Terias acaso achado uma outra? — acrescentou ela com uma voz enciumada de um cómico intensamente fúnebre.

— Não! não! Por Deus, pela Virgem e pelos Santos, Gillonne, é a ti que eu amo, só a ti quero para mulher!

— Ainda bem! Já começava a tremer, pensando que me fosses infiel. Bem! Visto devermos nos casar, já que te disse o estado da minha fortuna, é a tua vez de dizer-me o que possues. Depois disso, far-te-ei sair daqui.

Simão Malingre começou a desconfiar que o seu caso era menos desesperador do que elle a principio supusera. O terror baixou um ponto no seu espirito, como as inundações começam a baixar, depois de ter atingido o seu ponto culminante.

Mas então, como, depois de uma inundação, se vê reaparecer o cimo de uma árvore submersa, assim a sua avareza, a principio encoberta pelo medo, reapareceu no seu cérebro:

— O que possuo, minha pobre Gillonne, é muito pouca cousa. Pode chegar a um milheiro de soldos e nem são parisis.

Gilonne levantou-se, andou em direção á porta.

— Aonde vais? — gritou Malingre.

— Eu vou buscar o carrasco de monsenhor — disse tranquillamente Gillonne — porque estou a ver que será necessário arrancar-te aos poucos a língua com uma pinça aquecida ao fogo para obrigar-te a falar com juízo á tua noiva.

— Perdão! Pára! Direi tudo!

Gilonne parou, voltou a cabeça por cima do ombro e esperou. Uma violenta luta agitava o coração do avaro, que acabou abaixando a cabeça e pondo-se a chorar.

— Duzentos escudos de prata! — disse elle num sópro. — Ah! Gillonne, estrangulas-me! E' preciso, na verdade, que te ame para falar-te nesses pobres duzentos escudos de prata que tão penosamente juntaste moeda por moeda.

Gilonne deu dois passos para a porta.

— Aonde vais? — repetiu o miserável, num clamor de terror.

— És louco, Simão Malingre, e para curar a tua loucura só vejo o braseiro do quarto das torturas.

— Pára! Saberás tudo, mas desta vez eu morro.

— Quanto? — disse, sossegadamente, Gillonne.

— Oitocentos escudos de ouro! — disse, num estertor, Malingre, que, como se com efeito, essa declaração o tivesse matado, caiu desmaiado no lagado.

Gilonne sentou-se de novo no seu lugar e esperou tranquillamente sem lhe prestar o menor socorro, que o prisioneiro voltasse a si. Um terrível suspiro indicou-lhe que Malingre voltava a si. O desgraçado, com efeito, abriu uns olhos espantados, contemplou Gillonne com esse ar assustado que se tem ao acordar depois de sonhos aterradores, e, a soluçar, pôs-se a balbuciar palavras sem nexos:

— Duzentos escudos de prata!... Oitocentos escudos de ouro!... Que!? Será possível!? Ela toma-me tudo! Gillonne, deixa-me ao menos a metade! Olha, comina-me a que me cortem um braço ou uma perna; não ficará senão a metade do meu ouro e da minha prata, queres?...

— Onde está o teu cofre? — perguntou rudemente Gillonne.

— Tem compaixão de mim! — suspirou Malingre.

— O cofre, ou, por Satanaz, eu vou buscar o carrasco! Ao passo que, se falares, abro o cadeado da tua corrente, podes sair, ficamos livres, juntamos os nossos dois cofres, casando-nos e ficaremos ricos. Agora decide-te!

— Abres? — gemeu Malingre.

— Imbecil! Bem sabes que preciso muito de ti! Como te deixaria apodrecer neste carcere? Só nada posso fazer.

— Pois bem! — disse Simão Malingre, que sentia ainda uma vez renascer-lhe a esperança. — Transportei os meus escudos para Courtille de Rosas... Fui do do cercado, debaixo do massiço de rosas silvestres que está á esquerda... Cavando a terra, encontras o meu pobre cofre.

Gilonne, como tinha feito ao entrar no cárcere, tirou-se ás gargalhadas. E esse riso produziu um longo arrepião ao infeliz Malingre.

— Ouve! — exclamou Gillonne, aproximando-se dele. — Pregaste-me um susto horrível e roubaste-me os meus escudos. Durante uma hora tive a horrível sensação de estar num cárcere do Templo, acusada de malefício, e que ia ser queimada. Pois bem! Agora, por minha vez, prego-te o mesmo susto e roubo-te os escudos. Sómente, ouve, imbecil!...

Gilonne deu dois passos para a frente, inclinou-se, com as unhas estendidas, como se na sua exasperação fosse dilacerar Malingre. Este se encolheu, prestes a dar o bote.

— Cuve, imbecil! — continuou Gillonne. — Só tens alguns dos meus escudos. Debaixo do primeiro cofre havia um segundo! E nesse segundo sofre, que não viste, imbecil, é que estava o monte, os meus belos escudos de ouro, que nunca tocarás com os teus dedos retorcidos!... Ouve mais. Sim! Tive medo de ser queimada viva como uma feiticeira, e quando me lembro disso, vês, ainda o medo me faz sentir a morte na medula dos ossos! Mas eu só senti o medo! Enquanto que a ti, é a realidade, a horrível realidade que te espera! Simão Malingre, eu vou daqui para Courtille de Rosas! O teu cofre, soldos, escudos de prata, escudos de ouro — tudo é meu! E tu, imbecil, vais fazer a careta diante de monsenhor que te quer ver morrer a fogo lento, porque...

Nesse momento Gillonne deu um grito de horrível aflicção.

Simão Malingre distendera-se como uma mola, tinha-se aproveitado do instante único em que, cheia de ódio, ela se aproximara bastante dele, de modo que pudesse tocá-la... Os seus dois braços compridos e magros tinham-se aberto com um tino de correntes em movimento e, semelhante às patas de uma monstruosa aranha, tinham-se fechado sobre Gilonne.

Simão Malingre urrou.

— Tenho-te segura!...

• • •

Enquanto se desenrolava essa cena entre os dois noivos sinistros, tornando-se assim noivos da morte, os archeiros de Valois, por mais que investigassem, chamassem, tiveram que se render á evidencia, de que o tio do rei Luiz X tinha desaparecido, morto talvez por Buridan e o seu bando de truões.

O capitão que comandava as forças militares do palácio foi ter ao Louvre e narrou o triste acontecimento.

O rei, diante da noticia de que o seu conselheiro privado e parente acabava de ser raptado por um bando de audazes ladrões noturnos, teve um acesso de furor terrível. A rainha tremeu e perguntou a si mesma o que seria capaz de fazer ainda Buridan, pois que ousara conceber e executar um plano tão temerário. Marigny sentiu uma alegria surda, que dissimulou alegremente e começava a perceber que talvez Buridan fosse digno da sua filha Myrtille. Quanto aos outros senhores da corte, uns se regosijavam, outros se affligiam, segundo os interesses pessoais que os ligavam a Valois ou os afastavam dele. Mas todos modelavam as suas caras de conformidade com a fisionomia do rei (porque já desde Philippe, o Belo, era o rei um potentado e os senhores feudais já começavam a tremer diante da idéa monarchica que devia chegar ao seu pleno desenvolvimento com Luiz XIV. Os outros senhores, diziamos, exageravam o furor manifestado pelo monarcha e houve no Louvre uma explosão de gritos de morte contra Buridan — e também contra Philippe e Gautier d'Aunay.

— Mas, enfim — perguntou o rei Luiz X em dado momento — esse Buridan é, então, um demônio encarnado? E' então um agente de Satanaz?

E ao mesmo tempo, para não perder o hábito, dava um grande pontapé numa mesinha cheia de frascos diversos. Mesa e frascos voaram em estilhaços.

— Sire! — disse Hugo de Trencavel. — Eu vi o homem e posso assegurar-lhe que, com effeito, só ele vale por dez.

— Eu o vi também — acrescentou Godofredo de Maistreit. — Vi-o em Pré-aux-Clercs, onde ele combateu como um leão.

— Sire! — disse, por sua vez, Enguerrand de Marigny. — Tentei, hoje, prender esse homem. Fui lá com vinte archeiros da ronda do preboste, tendo á sua frente o próprio senhor João de Precy. Quarenta dos meus próprios archeiros vieram em auxilio e o homem não foi preso, e doze dos nossos ficaram no campo de batalha, feridos ou mortos.

— Otratante não deixa de ter audácia! — exclamou o rei. — Bem o julguei no dia em que, em Montfaucon, ele veio com tanta insolência pedir-me justiça... Justiça contra o senhor, Marigny. Pois bem! Vamos fazer justiça.

Nessa mesma manhã, por ordem do rei, o arauto do Chatelet percorreu as ruas de Paris, lendo um pergaminho em todas as encruzilhadas, diante da multidão reunida ao toque da trombeta. Esse pergaminho dizia:

“1.º Que a cabeça de Buridan, natural de Bethune, bacharel da Sorbonne, estava posta a preço por cem escudos de ouro;

“2.º Que as cabeças dos nobres senhores Philippe e Gautier d'Aunay estavam postas a preço por sessenta escudos de ouro cada uma;

“3.º Que as cabeças de Lancelote Bigorna, de

Guilherme Borrasca, imperador da Gallieia, e de Riquete Handryot, rei da Basoche, estavam postas a preço pela soma de vinte escudos de ouro cada uma;

“4.º Que se ordenava a todos os parisienses que atacassem os rebeldes acima mencionados;

5.º Que converteria na pena de morte quem quer que lhes desse asilo.”

## O PRISIONEIRO DE BURIDAN

NO estreito corredor do palácio de Valois, em que os archeiros do conde se tinham batido com o bando de Buridan, lembram-se que Bigorna tivera a inspiração de abater o homem que segurava a tocha e de a apagar.

Foi graças á profunda escuridão que resultou desse ato, que Buridan e os seus companheiros puderam bater em retirada, para fora dessa passagem onde seguramente seriam esmagados pelos quarenta ou cincoenta homens d'armas que se atiravam sobre elles.

Mas Buridan, conquanto fosse muito rápido o gesto de Lancelote Bigorna, nem por isso deixara de ver o conde de Valois á frente da sua gente.

Nesse momento, em que lhe pareceu evidente ter de renunciar a entrar no quarto de Myrtille, o desespero apoderou-se dele. E disse consigo que era preciso tentar tudo, mesmo o impossível, e que, no fim de contas, era ainda melhor morrer do que continuar a viver separado dessa moça, que occupava o seu pensamento e dominava, por assim dizer a sua vida. Natureza fria na apparencia, podia-se dizer quasi tímida e espantando-se elle próprio, depois dos atos de audácia que espantaram os seus contemporâneos, Buridan tomava resoluções súbitas, sem tê-las premeditado, e executava-as sem ter tempo para reflectir; quando se viu perdido, quando se viu separado de Myrtille talvez para sempre, saltou ao pescoço de Valois, apertou-o e passou-o a Guilherme e Gautier, que estavam perto dele.

— A caminho! — ordenou elle, com voz rouca. — Voltemos á poterna e segurem bem o personagem.

Sem comprehender muito bem o que se passava, Guilherme Borrasca e Gautier d'Aunay tinham agarrado o conde de Valois, e o arrastavam, ou antes, o carregavam apesar da sua resistência desesperada e dos seus urros. Acharam-se em breve no pátio.

— Que foi que nos deste? — disse então Guilherme? — foi algum pedço cevado para levar ao mercado dos porcos?

— Estás bebado? — exclamou Gautier. — Tu não vês, então, que é monsenhor Carlos, conde de Valois, que nós levamos á feira de Landit, para meter medo ás orianças? Mas pelas tripas do demo, tens razão: monsenhor grita com um porco que se está matando. Espera; Espera; vou fazê-lo calar!

Gautier então applicou os cinco dedos da sua mão direita á garganta de Valois e pôs-se a apertar. Apertou mesmo com tanta força, que, não somente o homem se calou, mas ainda desmaiou.

— Pela cabeça de Baccho e pelo ventre de Venus! — resmungou Gautier, consternado. — Será que o matei por tão pouca cousa? E' preciso dizer-se que esses Valois morrem muito facilmente.

— Sr. Gautier — disse Guilherme, severamente — sempre lhe disse que lhe falta delicadeza. Precisava apertar com tanta força, que diabo!?

Durante esse dialogo, os dois homens, suando, arrastando, praguejando, continuavam a correr e em breve os seis companheiros mais o conde sempre desmaiado, se viram fora da porta baixa que Simão Malingre tinha aberto. Buridan fechou ciudadosamente a porta.

— Terá morrido? — perguntou elle, deitando um olhar para Valois. — Elle vive, e ei-lo que volta a si.

Com effeito, nesse momento, o conde abria os olhos em torno de si, assustado. Um instante contemplou com desespero terrível as seis caras inclinadas para elle; depois, erguerlo-se:

— Está bem! — disse ele. — Têm-me em seu poder, truões; acabem a sua obra de covardia. Matem-me.

— Não, monsenhor! — disse friamente Buridan. — Ou pelo menos ainda não. Não o matarei se a isso não me forçar. Lembre-se que já tive a sua vida nas minhas mãos...

— Hi han! — disse Bigorna.

— E que lhe perdoei — acabou Buridan. — Por agora, amec... Caminhe, pois, de boa vontade, se tem amor á vida.

Valois deitou um olhar taciturno para o seu palácio, ou antes, para a sua fortaleza. Viu luzes correrem, ouviu os gritos ds seus archeiros, que o chamavam; mas, vendo-se reduzido á impotência, e esperando talvez desta vez libertar-se facilmente, disse simplesmente:

— Acompanho-os!...

O bando ia pôr-se a caminho, mas Bigorna fê-lo parar com um gesto:

— E para onde iremos? — disse ele. — O senhor Felipe d'Aulnay não nos pode mais hospedar no seu palácio, que se tornou para nós uma armadilha de raposas... E' verdade!... O senhor então não morreu? (Felipe levantou os ombros desdenhosamente).

— Não se incomode; virá com o tempo!... Não podemos também refugiar-nos todos em casa da senhora Clopinel, que, de resto, me pôs pela porta fora a vassouradas. A hospedaria de Noel-Pernas-Tortas parece-me tanto mais indigna de monsenhor, quanto o dito Noel, sem dúvida por causa dessa indignidade, que ele seria o primeiro a reconhecer, iria buscar a ronda real ou prebostal e talvez ambas, e a contraronda ainda por cima. Repito-lhe, então, a minha pergunta: Aonde iremos?

— Se nós fôssemos á casa de Ignez Piedeleu? — disse Gautier. — Quer-me muito bem, apesar-das minhas infellicidades, a querida Ignez, que não pode passar sem mim, e eu creio que em casa dela...

— Caminhemos! — interrompeu Buridan. — Eu sei o lugar onde podemos refugiar-nos e oferecer a monsenhor uma hospitalidade digna dele. Ninguém, nem mesmo a rainha, ousará af procurar-nos.

Ao mesmo tempo, pronunciou uma palavra ao ouvido de Bigorna, que abafou uma surda exclamação, depois ao ouvido de Felipe e de Gautier... O primeiro ficou pálido como a morte e o segundo estremeceu de terror. Apesar-desses sinais de espanto, de terror, puseram-se a caminhar e o pequeno bando desapareceu na escuridão, tendo no centro o conde de Valois que, taciturno e pensativo, caminhava sem resistênci. Seguiram alguns minutos a linha interior das muralhas e chegaram ao Sena, defronte dessa lhota que mais tarde se devia chamar ilha d'Antrague e mais tarde ilha do Louvier. Af, atravessaram o rio numa das inúmeras embarcações que os marinheiros deixavam amarradas aos choupos que emolduravam então elegantemente o Sena de verdura; depois desceram ao longo da margem esquerda, sem terem tido maus encontros, e enfim pararam ao pé de uma sombria construção: A Torre de Nesle!

\* \* \*

A idéa de Buridan, de se refugiar na Torre de Nesle era daquelas que o desejo inspira. Era terrível. Era trágica. Talvez fôsse impraticável. St, como o esperava Buridan, a torre maldita estivesse deserta desde alguns dias; se era verdade, como ele pensava, que Margarida de Borgonha não ousasse mais aproximar-se dela depois dos terríveis acontecimentos que af se tinham desenrolado, o lugar era admiravelmente escolhido, e era um rasgo genial ter-se lembrado de para af levar Valois prisioneiro. Mas, se uma guarnição qualquer de soldados ou de criados morasse na torre, Buridan estaria perdido e, com ele, os seus companheiros. Foi o que lhes explicou ao pé desse velho salgueiro, cujos galhos tocavam na agua e que pareciam debrucar-se para o rio, como para lhe perguntar

o segredo dos dramas da Torre de Nesle, ou repetir-lhe em voz baixa a última praga das vítimas de Stragildo e de Margarida de Borgonha.

— Compreendem bem — disse-lhes ele — que o que acabamos de fazer vai agitar o Louvre e Paris. Não se rapt o tio do rei, nem se excita o rei, sem uma desforra. Amanhã, daqui a uma hora talvez ou nos procuram, e então, cercados, perseguidos de rua em rua, acabaremos sucumbindo. Ora, das duas cousa uma...

— Sim — disse Riquete; — façamos um pouco de lógica.

— Eu já notei — disse Guilherme — que todas as vezes que Buridan se ocupa com a lógica nos resulta um bom jantar.

— Das duas cousas uma — continuou Buridan; — ou essa torre está deshabitada, e então entramos, af nos instalamos e estamos em nossa casa, ao menos por alguns dias; ou então ela tem moradores.

— E então nós af não entraremos, segundo a lógica — disse Riquete.

— Então — prosseguiu Buridan — entraremos assim mesmo, depois de ter atirado ao Sena todos os habitantes da torre infernal. Eis a minha lógica! Que têm a dizer contra isso? Ouviram a tese; se alguém quizer, que apresente a antítese!...

Todos ficaram calados, durante alguns minutos contemplavam a Torre de Nesle, muda, misteriosa...

Então Buridan se aproximou da porta baixa, em arcada, que dava acesso ao vestibulo do andar térreo, onde já introduzimos os nossos leitores. Dois enormes ferrihos estavam presos por um cadeado. Buridan inspecinou por um instante essa disposição; depois chamou Gautier e mostrou-lhe os dois cadeados. Gautier sorriu, desceu á beira d'agua, voltou com um dêsses enormes selxos que se encontram nas margens do rio, e atacou os cadeados.

As pancadas surdas, que repercutiam em longos ecos na torre, não trouxeram resposta alguma. Em breve estalaram os cadeados. Então Buridan introduziu a lâmina do seu punhal na fechadura e, ao cabo de dez minutos de trabalho, abriu-se a porta.

Os seis companheiros, sempre com Valois no meio deles, penetraram no vestibulo. Bigorna fechou a porta e correu os ferrihos de dentro. Uma lâmpada de azeite — uma dessas velhas lâmpadas de ferro forjado que tinham no bico uma mecha enfumaçada — presa ao teto por uma corrente, ardia tristemente. Talvez Margarida, deixando af essa luz, quisesse fazer crer que a torre era sempre habitada de noite.

Bigorna desprende a corda que retinha a corrente, fez a lâmpada descer e acendeu uma das tochas que estavam dispostas de espaço em espaço.

E eles subiram, Felipe com a morte na alma, Gautier resmungando pragas surdas, Guilherme e Riquete impassíveis. Chegaram até o andar onde Felipe e Gautier tinham tido a fantástica aparição das três irmãs, esperando-os junto de uma mesa magnificamente servida. Bigorna subiu até a plataforma e tornou a descer, sem ter visto viva alma.

— A torre está perfeitamente deserta! — disse ele.

— Sim, está — disse Buridan, com voz soturna. — Ela só é habitada por fantasmas...

— E pelas minhas recordações! — murmurou Felipe, estremeçando.

— Está bem! — prosseguiu Buridan. — Como eu dizia, estamos aqui em nossa casa e eu creio que, em Paris, ninguém mais do que nós tem o direito de falar aqui como estou falando. Bigorna, vais occupar-te com as provisões. Quanto a vós, senhores, peço-vos que me deixéis alguns minutos a sós com monsenhor o conde de Valois, a quem devo uma explicação toda pessoal. Queiram, pois, esperar-me no andar inferior.

Felipe, Gautier, Guilherme e Riquete obedeceram como obedeceriam a um chefe supremo. Porque, nesse momento, havia na attitudo e na voz de Buridan uma espécie de autoridade imperiosa e todos compreenderam que alguma cousa terrível iria passar entre ele e Carlos de Valois.

(Continua no próximo número)



## CONSERVA

a beleza de sua cútis, liberta-a das espinhas e cravos, combatendo-as na sua causa mais frequente: — as perturbações digestivas!

O "Sal de Fructa" Eno é o regulador ideal do sistema intestinal.

Não confunda: —

# ENO "SAL DE FRUCTA"



EU sei que tu esperas que um dia o milagre se realize e que eu vá, toda cheia de amor, despidida de preconceitos, repousar em teus braços, prender-me para sempre á tua vida...

Eu sei que te mantens assim calmo e silencioso, porque esperas o milagre que a saudade realizará... Eu sei que tua alma está preparada para receber a minha, em doce comunhão de sentimentos... Sei que teu coração anseia pelo meu e que tua vida é triste sem o meu carinho, sem o fogo dos meus beijos, sem a ternura do meu abraço...

Eu sei de tudo, meu amor...

TANTA GENTE, MEU AMOR!

De Otilia Stiebler

Os teus olhos sabem falar-me quando, indiferentes, nos encontramos por aí... De tua boca não sai uma palavra, mas teus olhos, quando fitam os meus, recitam poemas de rara beleza, de caricioso e embalador ritmo... Os teus olhos confessam, só para mim, tudo o que sentes, tudo o que padece o teu coração, sonhador...

Eu sei que vives esperando que o milagre se realize... Eu sei que me amas apaixonada-

mente... Sei que te adoro com fervor...

Eu também sei, porém, que esse milagre jamais se realizará...

Há um mundo de coisas e de gente entre nós dois... Há tanto empecilho entre nossas vidas! E eu, presa entre as grades dos preconceitos, nunca poderei chegar até onde estás e, feliz, deixar-me enlaçar pelos teus braços... Nunca poderás correr até onde estou e, livre, entregar-me, entre dois grandes beijos, a sonhada ventura...

Ha tanta coisa entre nós dois! Tanta gente, meu amor!...



# Destrói o pelo para sempre

O pelo nas axilas, pernas, braços é um mau companheiro. A mulher moderna, o detesta. Agora graças ao "Racé" V. S. não só pôde eliminar o pelo da superfície da pele como também destruí-lo para sempre.

**Elimina o pelo em 5 minutos  
sem odor — sem ardor**

"Racé" é um pó tão fino como pó de toilette. Não há nada que preparar para usá-lo. Simplesmente humedeça V. S. a pele a depilar, polvilhe-a com "Racé" formando uma pasta espessa e 5 minutos depois torne a lavar-se com água clara e todo o pelo mesmo o mais duro — o das axilas, braços, pernas, nuca, de todo o corpo enfim, desaparecerá sem deixar o menor vestígio de pelo.

A pele fica branca e suave. "Racé" elimina o pelo sem odor e sem irritar a pele. Contém vegetais e não as substâncias causticas usadas geralmente nos antigos depilatorios.

Assim fica afastada a possibilidade do pelo tornar a crescer. Si porém, depois de muito tempo crescer novo pelo no mesmo sítio V. S. verá a diferença; é suave e incolor. Não é um pelo de pontas afiladas. Faça uma ou duas aplicações mais. O pelo fica destruído.

Depilar-se com "Racé" é mais rápido que fazer-se. Qualquer extensão da pele pôde ser depilada de uma só vez.

Use V. S. "RACÉ" e faça-nos o obsequio de contar os resultados às suas amigas. Vende-se nas boas farmácias, drogarias e perfumarias

Laboratorios Vindobona  
RUA URUGUAYANA, 104  
5.º Andar  
Rio de Janeiro  
Fone 22-1100

Peça folhetos gratis — Pedidos do Interior attendem-se no mesmo dia.



Racé

O perfeito destruidor dos pelos

Laboratorios Vindobona, rua Uruguayana, 104 — 5.º andar.  
Queira-me enviar o folheto explicativo referente ao depilatorio "Racé".

NOME .....

RUA .....

CIDADE .....

ESTADO .....

(F. F. R. 17)

suas árvores hirsutas; as montanhas, na sua imobilidade de passar, como que climatativas, olhando para o céu, olhando para o mar, tudo isto, esse conjunto de cores, esta poesia deslumbrante, emocionante é trabalho de um Grande Artista.

"Tudo aqui é extraordinário.

"O mar inunda a abra da gente e o marulhar de suas águas parece falar às árvores que se arfalgam ao sopro da aragem perfumada:

"— Silêncio!... Ela dorme!... Não faças ruído, deixai-a sonhar embalada pela musica original das vagas que se quebram nos rochedos. Deixai-a dormir, deixai-a sonhar acalentada pelo cântico do mar, pela musica do mar; deixai-a em paz neste jardim sem flores!"

Diante de tanta beleza, na intimidade das coisas da natureza, Amaro Mariz, o homem íelo, magro e

## REVELAÇÃO

(Conclusão)

neurastênico, triste e revoltado, chegou a convencer-se de que o mundo não é só a grosseira matéria.

Deus existe.

Tudo aquilo, aquele mar impetuoso, aquele mar verde como as esmeraldas resplandecentes dos bandeirantes; aquela areia branca, sempre adormecida sob o céu azul, esperando as ondas do mar, para uma carícia toda sentimental, toda amorosa, de saudade e luz; aqueles coqueiros abandonados, tais como soldados perfilados, faróis vigilantes — tudo aquilo, céu, mar e terra, fez com que o homem se chegasse à conclusão de que uma força Suprema nas dirige, e de que o mundo é criação de Deus, assim como todas as coisas.

El deixou mais isto escrito em seu caderno de notas:

"Sempre, todas as vezes que pretendo suavizar as dúvidas que se formam em meu espirito, procuro entrar em contacto com a natureza, aproximar-me dela, senti-la no mais íntimo de minh' alma. Nunca duvido das coisas sem primeiramente entregar-me à meditação, à especulação, à análise. E todas as vezes que procuro observar as coisas que circundam o mundo; quando observo a natureza com todo o seu capricho, os seres com sua perfeição, chego sempre à conclusão de que só um Artista, com poder excepcional, poderia desenhá-la tão rico, tão perfeita e de cores tão lindas, deslumbrantes.

"Deus existe. O Mundo é Sua criação. O homem é Sua imaginação. Tudo o mais que existe em contraposição, penso, não passa de fantasia filosófica sem consistência, sem explicação plausível, que convença, que satisfaça. Os séculos passam, a humanidade caminha velozmente, progride a passos largos, e o homem, ávido, numa loucura quasi que inexplicável, quer ir até o impossível, deseja trazer para o palco das ciências, com sucesso, os misterios do infinito, e explicar á humanidade, amparado na espinha dorsal das ciências positivas, ou então dentro da esfera da matemática, da lógica, da metafísica e da biologia, a origem de todas as coisas, a sua própria origem e os fatores básicos que o fazem viver, sentir e compreender. Entretanto, tudo ainda dorme na obscuridade. As idéias filosóficas que ontem revolucionaram os mais consistentes princípios do existencialismo, hoje vivem adormecidas, entre cinzas frias, e não passam de velharias mofadas. Não se fala mais no homem-deus, no super-homem de admirador de Richard Wagner, Nietzsche. As interpretações científicas de Le Bon — "A evolução da matéria", assim como o idealismo de Kant perdem-se no meio da confusão e nunca chegaram a mostrar á humanidade o caminho verdadeiro dos principais fatores da existência do Mundo.

"Deus existe.. O Mundo é Sua criação. O homem é Sua imaginação."

## CINEMATOGRAFICAS

Um tenente-coronel da Armada Norte-Americana em Hollywood... O estúdio da RKO, solicitou á Armada Norte-Americana o auxilio necessário para a autenticidade do filme "Bombardiero", que irá rodar brevemente. Foi, então enviado para lá o tenente-coronel W. Mason Wright Jr., que atuará como super-visor técnico.

\*\*\*

Walt Disney anuncia também que confeccionará novos filmes de longa metragem. Os primeiros serão "Cinderella", "Peter Pan" e "Song of the South", sendo o último baseado na história de um urso, escrita por Sinclair Lewis. Antes, porém, veremos "Bambi" e "Dumbo", dois novos filmes de metragem considerado superiores aos anteriores filmes de Disney.

## SONO TRANQUILO



Quando o sistema nervoso funciona normalmente, o sono vem rápido e decorre tranquilo, povoado de sonhos agradáveis. Se qualquer motivo físico ou moral vem perturbar a normalidade dos nervos, um ou dois comprimidos de ADALINA bastam para restituir-lhes a calma. Pode-se, então, dormir naturalmente, dando ao organismo o suave repouso de que ele necessita. ADALINA não prejudica órgão algum.

# ADALINA



CALMANTE DOS NERVOS  
SUAVE E INOFENSIVO



CAPSULAS

# MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

UF. PELA-CENL. SANIT. N. 80-1-1

## CONVERSA MOLE

—AS próprias criaturas humanas já o desmoralizaram, meu amigo. A originalidade artística das máscaras já está banalizada pelo uso e abuso diários das expressões elásticas e variáveis. Até Pierrot, o ingênuo sentimental das histórias amorosas, se cretinizou, meu amigo, e já não se ilude mais às carfelas quentes das Colombinas volúveis do carnaval da vida em que agora até o famoso Arlequim pirata se vê, às vezes, obrigado a bancar o palhaço. Poderíamos dizer, mesmo, parodiando aquele nosso colega de arte, Oscar Wilde, que a vida copia o carnaval, imprimindo-lhe, até, mais expressões e senso de realidade... E que sugere o mundo convulsionado aos eternos egressos da comédia carnavalesca? Afigura-se-lhes, apenas, trágico carnaval de sangue em que fisionomias se contraem, sofredoras, sob a máscara do ódio que o morticínio mais incandesce. E interessante é que, nesse carnaval doloroso, meu amigo, a semelhança do longinquo da minha infância, quando leio apenas os títulos do noticiário rubro com que alguns jornais sensacionalistas atraem o povo ávido de fantasias, ou vejo, surpreso, interminável cortejo de homens vestidos de negro, máscaras de caveira aos rostos suarentos, e retinindo campainhas. Ainda me lembro, muito bem, da cruz branca que traziam pintada às costas e da enorme cruz de madeira que empunhavam, aos gritos, e sorriso, entristecido, tendo a impressão de vislumbrar, nessas fúnebres e esfumadas figuras que provocavam o terror entre a criança boba da minha rua suburbana, os homens promotores do trágico carnaval em que as músicas são os rumores fatídicos dos canhoneiros e dos aviões homicidas, e as crianças bobas os que choram e sofrem à aproximação da caveira... Aliás, esse é o único carnaval que, por ser demasiado real, não admite fantasias...

— Conversa mole...

— Slim, conversa mole, mas que expressa a verdade a esses ingênuos que, desprezando por conveniência a realidade dos fatos, se apregoam otimistas... Não possuindo o equilíbrio na percepção dos acontecimentos, fantasiam realizações e constroem suas bases no

(Conclue na pág. seguinte)



## Uma Gotinha nos CALLOS DORIDOS

alivia a dor em três segundos! Aplique Get-It duas ou três vezes, e o callo des-enraizase logo. Milhões de pessoas por todo o mundo usam este fiel amigo de quem sofre dos callos —

# GETS-IT

1-30-8

## DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos— E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tberará a causa. Nada há como as famosas Pílulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

LEIAM os romances de "FON-FON", que se encontram á venda na Companhia Editora "Fon-Fon" e "Seleta", á rua da Assembléa, 62.

**Não sera "SAMSAO" mas terá a sua "DALILA"!**

Hoje ou amanhã, uma *inimiga* arruinará o seu cabelo. Essa inimiga, essa "Dalila" é a caspa! Não lhe destruirá as forças musculares como aconteceu a Samsão, mas o condenará a todos os desgostos e dissabores que acompanham a calvície.

Defenda-se, quanto antes, de inimiga tão temível! Adquirá a arma a que ella não resiste:

**Tricófero de BARRY**

Friccione todas as manhãs o couro cabeludo com esse magnifico tonico e a caspa desaparecerá por completo.

O TRICÓFERO DE BARRY, além das suas virtudes tonificantes do cabelo, torna o penteado facil e dá á cabeleira brilho, maciez e um agradável perfume.

LSK

**"HORAS PORTUGUESAS"**

O ARAUTO DO COMÉRCIO PORTUGUES  
NO «BROADCASTING» MINEIRO

\* \* \*

SOCIEDADE RADIO MINEIRA, 690 QUILOMETROS

**JOSE' PRAÇA**

DAS 14 ás 15,30 HORAS.

**DAME FRANÇAISE** *enseigne son idiome avec metode facile et rapide - Tel. 26-3995.*

**PRIX MODERÉS**

**CONVERSA MOLE**

(Conclusão)

espaco, tendo apenas como credeal um otimismo estúpido...

— Mas, afinal, que correlação tem essa conversa com o carnaval?!

— Muita, meu amigo. O otimismo irracional representa, ás vezes, a máscara com que o indivíduo incapaz procura — para não revelar sua fraqueza... — ocultar o medo sub-consciente que tem de encarar de frente a realidade... Mascara-se, então, sorrindo, irônico, á exposição sensata e equilibrada das dificuldades a vencer ou da impossibilidade invencível, e impõe silêncio, *dominando*, triunfante, o pessimismo, numa atitude tanto mais engraçada quanto retórica a que a ainda o seu apregoado *otimismo* mais inflama...

— E' o carnaval da vida, meu amigo...

— Aliás, deixe que eu lhe diga, o desprestigio da festa que se aproxima decorre do espirito assimilador dos homens... Copiaram as atitudes e o sorriso dos histrões carnavalescos. Cultuam a mentira com requintes de artistas. Possuem, até, uma fantasia própria para cada momento...

— Você, hoje, está bilioso!

— Concordo. Mas a realidade, infelizmente, é esta. O otimismo, apenas, nada realiza se os braços se cruzam, indiferentes. Porque o trabalho, este sim, é o verdadeiro otimismo criador a que nenhum pessimismo jamais vencerá! Se os homens desafivelassem a máscara como o fazem apenas durante o tríduo carnavalesco, a vida seria outra coisa... — E não é otimismo — Talvez mesmo até as mulheres se animassem a desafivelar a suas... caras limpas, almas puras, sinceras para consigo mesmas, as criaturas humanas seriam felizes...

— Sejamos então os primeiros a dar o exemplo!

— Trabalhem, pois, meu amigo!

— Mas... depois do carnaval...

— E' claro!...

JORGE AZEVEDO

**SENHORAS!**

«Gysa» é recetado pelos médicos especialistas como um produto de confiança.

## MINIATURAS

DE

LUIZ OCTAVIO

CONSÓLIO

Se temos este consólio  
nesta vida tormentosa:  
nossa Ventura será  
mil vezes mais Venturosa!

UM DIA...

Um dia tu serás minha!  
(Que emoção, Virgem Maria!)  
E eu passo os dias pensando  
na Ventura deste dia!...

MEU PRANTO

Meus olhos ficam bem secos  
em cada tristeza nova...  
— Meu pranto corre pra dentro  
e sai em forma de lágrima...

## O ESPORTE NA EDUCAÇÃO DAS MASSAS

NOS estádios as multidões aplaudem. Junto aos rádios, centenas de milhares escutam atentamente. As páginas esportivas dos jornais são sofregamente devoradas. Nos cafés, no barbeiro, no bonde, no ônibus, quando não se fala de guerra, fala-se de esporte. E' futebol, é corridas, atletismo, remo, natação, bola ao cesto. Não há dúvida de que estamos na era do esporte. Do esporte e da higiene, que caminha passo a passo com a cultura física.

Depois de um set de tenis, um round de box ou um treino de futebol, ou depois de assistir um grande combate, nada melhor que um bom banho. Um banho. Um banho ligeiramente morno conforta, revigora e até consola da derrota, se derrota houve. Não se compreende a prática do esporte sem esse banho final, sob a carícia de um sabonete delicado e sutil, o Gessy, por exemplo. E' aqui se pode observar mais uma das grandes vantagens do esporte, que não só contribue para o enrijamento dos músculos e a formação de hábitos cavalheirescos, mas também tem agido, nos últimos anos, como disseminador de princípios higiênicos nas classes populares, onde o uso do banho se vulgarizou grandemente, depois que o esporte ganhou foros de cidadania.

## PILULAS DE FOSTER

Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinárias e no tratamento de uricemia e suas manifestações

## DORES LOMBARES



PARA OS RINS  
E A BEXIGA

Atenda prontamente a esse oportuno aviso de fraqueza renal, antes que surjam complicações mais graves. Reumatismo gotoso, inchação nos tornozelos, nas mãos ou sob os olhos, alterações na urina, irregularidades na bexiga são outros tantos males indicativos de que o organismo está sobrecarregado de venenos que os rins deveriam ter eliminado.

Para estimular a atividade dos rins tenha sempre à mão as PILULAS DE FOSTER, diuréticas e balsâmicas, para os doentes das vias urinárias. As PILULAS DE FOSTER eliminam e desinfetam os rins doentes.

## PILULAS DE FOSTER

Anúncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 205 em 2-4-41



**NÃO** se descuide um dia no tratamento da sua pelle, si quer conservá-la jóven, ressetinada e fresca. Experimente o novo methodo de tratá-la pela Vitamina "A", a vitamina da beleza, contida no Creme Marsilea, á base de pepinos. Use-o sob as duas fórmulas: Creme liquido, para limpeza e tonificação da epiderme; Creme em pasta, para nutrição e rejuvenescimento das cellulas. A' venda em todas as farmacias, perfumarias e drogarias. Inicie hoje mesmo esse novo tratamento e observe os excellentes resultados.

AMOSTRAS GRATIS: peça a M. Silva - R. de Russell, 78

Creme e Liquido  
**MARSILEA**



# PR13

de belo horizonte,  
rádio inconfidência  
de minas gerais.  
a voz de minas para  
toda a américa.

Escritórios:

EDIFÍCIO DA FEIRA PERMA-  
NENTE DE AMOSTRAS-19  
ANDAR-BELO HORIZONTE

SECCÃO COMERCIAL:  
FONE, 2-5763

**880 KILOCYCLOS. 22.000 W. NA ANTENA**  
**140.000 W. NA BASE. 341 METROS DE ONDA**

OUÇAM, diariamente as interessantes transmissões da PR13.